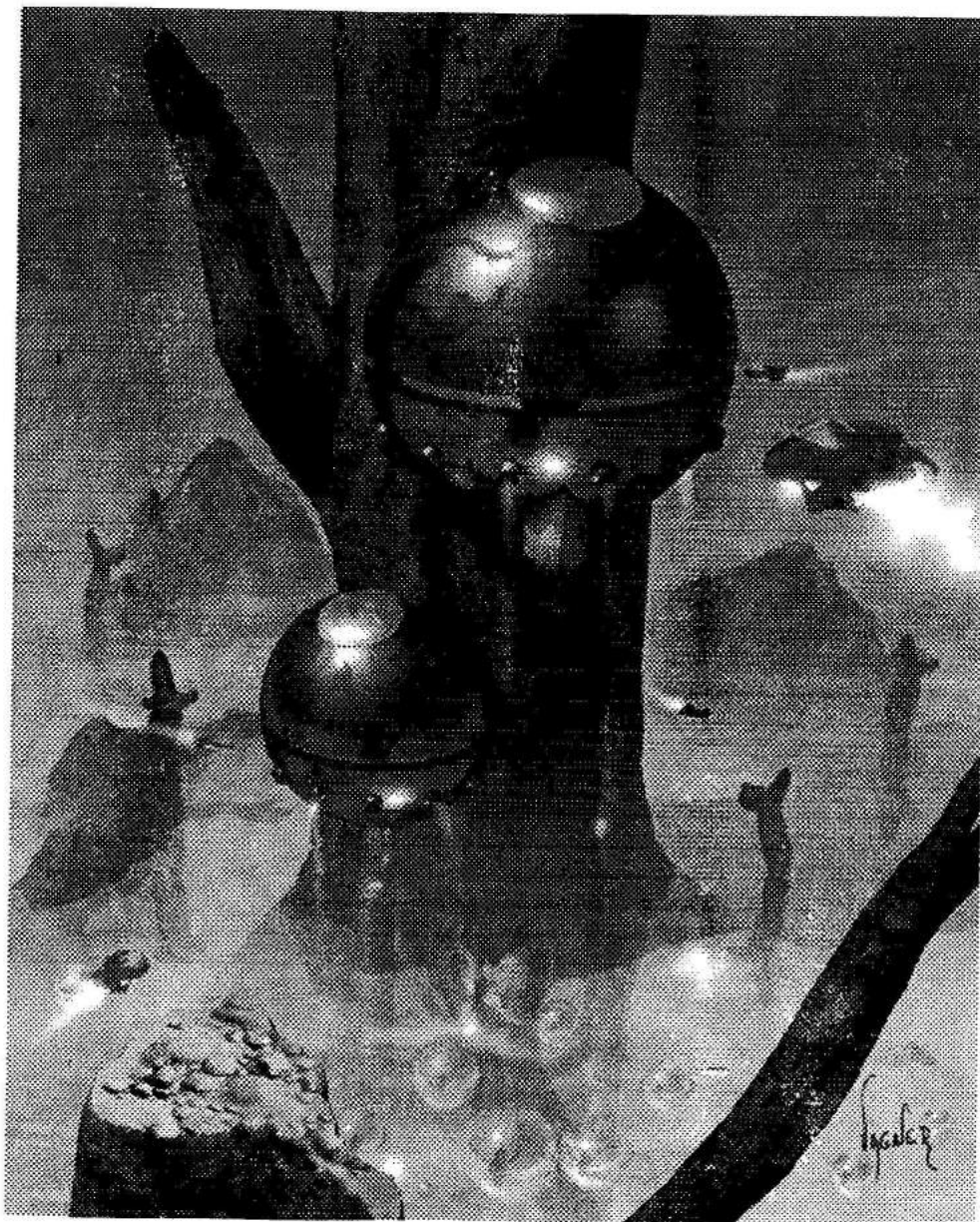


SOMNIUM

89

Publicação Oficial do
Clube de Leitores de Ficção Científica



ÍNDICE

Artigos

Uma História do Ainda Breve Prêmio Argos 3

Marcello Simão Branco

Na Conferência Internacional do Fantástico nas Artes 6

Libby Ginway

Resenha

O Clube da Morte de Jerônimo Monteiro 12

Miguel Carqueija

Contos

Hóspedes 11

Octávio Aragão

Projeto Mulah de Tróia 13

B.B. Jenitez

O Mistério da Sala Quatro 15

Carlos Orsi Martinho

Negro Laranja 19

Ivan Carlos Regina

Etherpol 21

Maurício Soares Bugarin

SOMNIUM

N.º 89 Ano XVIII

CONSELHO EDITORIAL

Alfredo Keppler · Ataíde Tartari · Matias Perazoli · Miguel Carqueija · Roberto de Sousa Causo



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ EDITORIAL ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Prezados Amigos:

Muito já se disse e profetizou por aqui que os fanines de FC em “papel” estariam indo pelo mesmo rumo dos amonitas, dinossauros e trilobitas, todos eles fadados à extinção pela invasão do seu *habitat* natural por outros veículos mais adaptados às mudanças sociais e tecnológicas. Os poucos sobreviventes já estavam até dando os sinais clássicos da extinção eminente, com edições minguentes, aperiódicas e irregulares.

De fato, a longo prazo as profecias poderão mesmo se realizar, com a extinção dos zines. Porém, profetizar isso é fácil e nem deveria contar ponto. Afinal, a muito longo prazo praticamente qualquer coisa pode acontecer, até as mais improváveis. Exemplos disso abundam, se bem que, pensando bem, o Corinthians Campeão da Libertadores, sei não...

Mas é no dia a dia que as profecias costumam falhar, talvez porque sempre aparecem uns chatos que se recusam a acreditar nelas. E eis aqui em suas mãos um exemplo vivo disso: o *Somnium* está de volta e insiste em continuar chutando o saco dos profetas da extinção, trazendo mudanças e novidades que poderão estender a sua sobrevivência por mais ainda um bom tempo.

A Editoria é a mudança mais óbvia. Como diria o locutor de futebol, sai o Editor único e entra em seu lugar um Conselho Editorial. A idéia básica é a de

minimizar o “fator pessoal”, dividindo a espinhosa tarefa de montar um conjunto que agrade ao estimado público leitor, sem porém transformá-lo num forrobodó informe e ilegível — no sentido literário da palavra.

A mudança mais importante, entretanto, está no foco do zine. Saem as tradicionais seções que se tornaram inúteis, supérfluas ou superadas pela maior velocidade e abrangência da Internet. No lugar delas, entra com força total a publicação de ficção curta, resenhas, críticas, biografias e o que mais nos for apresentado para publicação, a partir da produção de FC&F&H lusófona.

Enfim, apostamos que daqui para frente o *Somnium* voltará ao seu tradicional papel (literalmente!) de veículo de divulgação da produção dos amadores e quiçá também dos profissionais.

Uma aposta cujo sucesso dependerá, no limite, da colaboração em quantidade e qualidade do mesmo fandom, seja nos trazendo suas obras, seja apoiando e divulgando o zine.

Melhor apostar nisso do que nos bingos, pelo menos os editores do *Somnium* estão na legalidade. Ou melhor, ainda não foram apanhados pela Operação Darth Vader!

-- Alfredo Keppler

O *Somnium* é o órgão oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica (fundado em dezembro de 1985). Colaborações serão recebidas pelos seguintes endereços: Clube de Leitores de Ficção Científica - Caixa Postal 2105 - Agência Central - São Paulo-SP - CEP 01060-970 - Brasil. E-mail: clfcbr@attglobal.net.

Visite o site do CLFC em <http://www.clfc.rg3.net>.

Esta edição foi terminada em julho de 2004.

Contos, resenhas, artigos e ilustrações são bem-vindos.

UMA HISTÓRIA DO AINDA BREVE PRÊMIO ARGOS

Marcello Simão Branco

Este artigo inicia uma série que visa dar ao sócio do Clube de Leitores de Ficção Científica um conhecimento maior da história do Clube e das suas muitas realizações.



UMA DAS MARCAS da Segunda Onda da Ficção Científica Brasileira surgida no início dos anos 80 do século passado foi a instituição de premiações para suas atividades, tanto para o ambiente profissional, como para o dos fãs, no chamado fandom.

Pois é por iniciativa da comunidade de fãs que aparecem os concursos e prêmios. E entre eles o de maior êxito e duração foi o Prêmio Nova, surgido em 1986. Criado pelo fã e escritor Roberto de Sousa Causo e depois organizado pela Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF) — de 1992 a 1996 —, durou uma década, estabeleceu uma tradição e um parâmetro comparativo de qualidade para os prêmios que vieram depois.

E o mais significativo dos prêmios posteriores ao Nova, foi exatamente o Argos. E chamou de imediato a atenção por dois motivos: 1) foi criado pelo Clube de Leitores de Ficção Científica; 2) anunciou uma remuneração em dinheiro aos vencedores.

Desde antes do surgimento do Nova, o CLFC era cobrado por não instituir um prêmio para a nossa ficção científica. E mesmo depois do aparecimento do Nova, o Clube nunca se mostrou entusiasmado, em diferentes administrações. É verdade que por um ano — creio que 1991 —, a entidade assumiu para si a organização. Mas logo no ano seguinte já desistia da iniciativa. Assim, com a eleição do fã e escritor Gerson Lodi-Ribeiro para a presidência do CLFC em 1999, uma das principais demandas dos sócios-eleitores era que o clube tivesse, enfim, um prêmio para o gênero. Ainda mais porque, à época, estávamos sem nenhuma premiação, pois o Nova fora extinto no fim de 1996. E além destas duas razões, devido ao fato de que o próprio Gerson havia sido um dos organizadores do Prêmio Nova, no período em que foi gerenciado pela SBAF.

O novo presidente não perdeu tempo e chamou para a Comissão Organizadora exatamente aqueles

que organizaram o Nova com ele: os fãs e editores Cesar Silva e Marcello Simão Branco — pelo menos para a primeira edição do prêmio, no ano seguinte eles deixaram a Comissão. A esperança era retomar a tradição anual de premiação, como já havia sido feita durante o Nova. Mas este não seria uma mera continuação do prêmio anterior. De comum acordo, concordou-se com a necessidade de algumas inovações, experimentações, com o intuito de incentivar o fandom a prestigiar o novo prêmio.

Antes das inovações, vale comentar que inicialmente houve uma dúvida se o prêmio deveria ser aberto ao fandom como um todo, ou restrito apenas aos sócios do CLFC. Ao permitir que os votos pudessem ser dados por não-sócios e que obras e publicações realizadas fora do CLFC pudessem concorrer, o objetivo era um prêmio para o conjunto da ficção científica nacional, procurando, à sua maneira, reiniciar o caminho interrompido com o Nova. Já a opção de premiação interna, teria como objetivo revitalizar as atividades dos sócios do CLFC, bastante debilitadas na época e ainda hoje, diga-se. Concorreriam apenas os trabalhos publicados nas publicações do Clube, ou seja, nos fanzines *Somnium* e *Informativo Mensal* e o site.

A opção recaiu por uma premiação para o conjunto da ficção científica nacional, tendo o CLFC como a instituição organizadora e legitimadora desta iniciativa. Na condição de membro da Comissão Organizadora defendi a primeira opção, por entender que não seria um prêmio o responsável por tornar novamente dinâmico o clube. Para isso, outras medidas administrativas deveriam ser antes tomadas. E, ao argumentar a favor de um prêmio para o conjunto do gênero produzido no país, julgava (como ainda julgo) que um evento deste tipo poderia ser um dos pólos de revitalização das atividades dos fãs.

Controvérsia inicial vencida, tivemos como principal inovação a idéia de se premiar os vencedores com dinheiro. Seria uma forma de incentivar escritores e editores a produzirem mais e melhor. E também, e não menos importante, de permitir uma divulgação para além das restritas fronteiras do fandom, quem sabe com uma cobertura de órgãos da grande imprensa nacional. Aspirações nada modestas, como se vê. Mas não parava por aí. Novidade foi a instauração da fase preliminar de indicação. Assim, o Comitê Organizador não organizaria mais as trabalhosas listas dos concorrentes. Interessante também foi a idéia dos vencedores só serem anunciados no dia da premiação, entre três finalistas publicamente divulgados previamente. E por fim, seriam premiados os vencedores da produção do ano precedente, mas valendo pelo ano em que o prêmio era concedido. Como se nota, estas duas últimas inovações inspiradas no modelo consagrado do Prêmio Oscar do cinema norte-americano.

Outra característica inicial do Argos e que vem se mantendo são as poucas categorias. Tem variado de duas a quatro, entre os melhores em publicações periódicas e melhores histórias publicadas, sejam elas curtas ou longas. Desta forma, trabalhos produzidos profissionalmente e aqueles no ambiente do fandom concorrem juntos. Esta é uma peculiaridade que vai contra uma das tradições do Nova, que, na maioria de suas edições, tinha as mesmas categorias separadas entre o nível "profissional" e o "amador". Três razões foram apontadas para este fato: 1) pouca produção profissional e mais dos fãs; 2) nível semelhante de qualidade entre o ambiente profissional e o fã e 3) só seria possível dar remuneração para os vencedores, caso houvesse poucas categorias, pois não haveria recursos para distribuir dinheiro a muitos vencedores. Assim, tivemos em 2000 e 2001, duas categorias: Melhor Ficção e Melhor Publicação Periódica; em 2002, as duas já existentes, mais a de Melhor Livro e em 2003, novamente apenas as duas categorias dos dois anos iniciais.

Na primeira edição do prêmio foi criado também o Prêmio Argos Especial, que faz uma homenagem ao Conjunto da Obra de uma personalidade de destaque ao longo de muitos anos em nossa ficção científica. Em 2000, recebeu o editor Gumercindo Rocha Dorea, e em 2003, o escritor André Carneiro. Duas homenagens justíssimas, registre-se.

A partir do ano de 2002, em sua terceira edição portanto, o Argos deixa de remunerar os seus vencedores. Isso porque não foram atingido os dois objetivos inicialmente imaginados: 1) um maior incentivo para autores e editores; 2) uma divulgação da imprensa. Uma terceira razão é que os prêmios remunerados estavam pesando no orçamento da associação. A partir daqui, a decisão de manter poucas categorias para o prêmio relaciona-se com as duas primeiras razões apontadas, ou seja, a pouca produção profissional e o nível semelhante entre o que se publica profissionalmente e entre os fãs. Esta decisão

é questionável, ainda mais com a proliferação de edições de autor surgidas nos últimos anos mas, de qualquer forma, segue um mesmo critério.

E outras pequenas alterações foram acontecendo, especialmente a partir do ano de 2003. Como, por exemplo, a abertura de votos para os não-sócios do CLFC a partir da fase de votação (depois de escolhidos os indicados). E a partir da edição de 2004, a abertura geral, desde a fase de indicações para qualquer interessado. Um prêmio criado pelo CLFC deixa, assim, de ter, qualquer primazia dos sócios da entidade. Certamente esta opção é discutível, embora seja uma decisão de bom-senso, no sentido de permitir que mais fãs participem do processo eletivo. Principalmente porque a participação dos sócios nas edições anteriores foi muito pequena, inexpressiva mesmo.

Uma outra mudança que merece comentário, instituída também em 2003, foi a mistura entre publicações periódicas impressas e sites e e-zines da internet. Passaram todos a concorrerem numa mesma categoria. Uma decisão ao meu ver equivocada, pois os fanzines têm um alcance de leitores e um objetivo editorial diferente dos endereços eletrônicos que pululam pelo mundo virtual da rede. Sites e e-zines têm uma capacidade de visibilidade e divulgação muito maior que as publicações impressas dos fãs. Inclusive, esta mistura contraria o que vem sendo feito internacionalmente entre os prêmios de ficção científica, desde a ascensão da internet. Há categorias para os fanzines e há as categorias para os melhores websites. Mesmo assim, esta iniciativa está mantida para este ano de 2004.

No fim do ano de 2003, Gerson Lodi deixou a presidência do CLFC e assumiu o fã Alfredo Kepler. E, o que se constata é que a estrutura organizadora do prêmio está mantida — inclusive com a continuidade do Rio de Janeiro como local de entrega do prêmio, feita a partir da segunda edição, em 2001. Assumiu também a Comissão Organizadora o fã Eduardo Torres, que anunciou a modificação em uma das categorias, chegando agora a quatro. É que a categoria de Melhor Ficção foi dividida em duas. Agora há Melhor Ficção Curta e Melhor Ficção Longa. Em verdade, uma iniciativa que já existira anteriormente nos tempos do Prêmio Nova. Completa as categorias para 2004, Melhor Publicação Periódica e a volta de Melhor Livro.

Mesmo questionado e criticado por uns poucos, e desdenhado por outros muitos, o Prêmio Argos está chegando ao seu quinto ano seguido, o que é bastante significativo do êxito do evento e que procura continuar a já citada tradição de premiações no interior do fandom brasileiro de ficção científica. Uma tradição que tem permitido registrar as opiniões dos fãs ao longo dos anos, indicando as tendências e obras de mais destaque durante certo período histórico. E também fazendo uma justa homenagem aos que mais se destacam entre os seus pares, permitindo que seus trabalhos sejam valorizados e que os

vencedores tenham ao menos este incentivo em continuar batalhando pela ficção científica nacional. Por fim, prêmios como o Argos são importantes para estabelecer uma identidade à produção nacional, tanto do ponto de vista das obras e autores, como para simbolizar uma das instituições de uma comunidade de fãs ao longo dos anos.

Mais do que questionar critérios da organização em termos de categorias e fases de votação, além de métodos de divulgação de resultados, o mais importante é que se busque maneiras para uma maior participação dos fãs, com uma quantidade sempre maior de votos. Menos até por uma suposta falta de legitimidade sempre apontada devido aos poucos votos, e mais para fazer do prêmio um evento que permita uma participação efetiva, popular tanto quanto possível, daqueles que realmente gostam de ficção científica no Brasil.

Vencedores do Prêmio Argos

Melhores de 2000

Melhor Ficção: "Sete Vezes Besta, Sete Vezes Homem", Ivan Carlos Regina, *Somnium* 74.
Melhor Publicação: *Edição Comemorativa Argonauta 500*, R.C. Nascimento (Qanat/CLFC).

Especial (Conjunto da Obra): Gumerindo Rocha Dorea.

Melhores de 2001

Melhor Ficção: *Síndrome de Quimera*, Max Mallmann (Rocco).
Melhor Publicação: *Intempol*, Octavio Aragão, ed. (Ano-Luz) e *Megalon*, Marcello Simão Branco, ed. (empatados).

Melhores de 2002

Melhor Livro: *As Sereias do Espaço*, Jorge Luiz Calife (Record).
Melhor Ficção: *A Revanche da Ampulheta*, Fábio Fernandes (Ano-Luz).
Melhor Publicação: *Megalon*, Marcello Simão Branco, ed.

Melhores de 2003

Melhor Ficção: "Boas Vindas", Maria de Menezes, *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!* (Ano-Luz).
Melhor Publicação: *Megalon*, Marcello Simão Branco, ed.
Especial (Conjunto da Obra): André Carneiro.

ISBNISMOS...

Dentre os lançamentos mais recentes no mercado editorial brasileiro, apontamos ao leitor do *Somnium* a antologia que sai pela Conrad Livros, **Futuro Proibido** (ISBN 85-87193-89-9), editada por Rudy Rucker, Robert Anton Wilson & Peter Lamborn Wilson, com histórias dos editores e de Bruce Sterling, William Gibson, J. G. Ballard, William Burroughs, Richard Kadrey, Colin Wilson, entre outros. É bom lembrar que se trata da *primeira parte* de uma antologia maior, que foi partida em duas. O título original é *Semio-text(e)*. A escritora norte-americana de origem japonesa Karen Tei Yamashita esteve no Brasil em 2003 para lançar o seu romance **Matacão, Uma Lenda Tropical** (ISBN 85-89745-01-5) pela Zipango, nova editora que tem nesse romance ambientado no Brasil o seu primeiro título. Publicado originalmente como *Through the Arc of the Rainforest*, cabe dentro do que os americanos chama de *fabulation*. A autora viveu no Brasil por quase dez anos.

Zigurate: Uma Fábula Babélica (ISBN 85-325-1585-1), do brasileiro Max Mallmann, é uma FC sobre imortalidade, ambientada na Europa e no Rio de Janeiro e escrito com humor e com o pendor pós-modernista para a violência e o comentário cultural irônico. Saiu pela Editora Rocco, e é o quarto livro do jovem e bem-sucedido Mallmann, que também é o representante do CLFC no Rio de Janeiro.

Caso raro no Brasil, **No Começo de Tudo** (ISBN 85-7492-050-9) é uma FC pré-histórica, escrita pelo prestigiado e premiado Domingos Pellegrini e lançada pela Nova Alexandria. Pellegrini disfarça a sua extrapolação para o passado, como um livro escrito por Bertan Wickslaw, "Professor de Antropologia da República do Kirshequistão".

Na literatura nacional de horror duas moças têm se destacado, em tempos recentes: Martha Argel e Giulia Moon. O primeiro livro de Moon foi **Luar de Vampiros** (ISBN 85-7372-035-2) e saiu pela Scortecci em 2003. Seu segundo, **Vampiros no Espelho e Outros Seres Obscuros** (ISBN 85-7629-015-4), saiu pela Landy Editora e está sendo muito bem distribuído. Já o primeiro de Martha, **Relações de Sangue** (ISBN 85-8891-626-6), também é facilmente visto nas livrarias, tendo sido publicado pela Novo Século Editora. Seu segundo é **O Vampiro de Cada Um** (sem ISBN), edição da autora. Martha é sócia do CLFC.

Um recente livro de histórias fantásticas é **Epitáfio** (ISBN 85-86372-56-0), do contista e médico goiano Flávio Paranhos. À moda de Franz Kafka e outros cultores do fantástico literário, o autor tenta impressionar o leitor pela intrusão do bizarro, do grotesco e do arbitrário no cotidiano mais banal. A editora é a Nankin Editorial, dirigida pelo Prof. Valentim Facioli (USP).

NA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO FANTÁSTICO NAS ARTES Prof. M. Elizabeth "Libby" Ginway

Mesmo vindo ao Brasil apenas uma vez por ano, a Prof. Mary Elizabeth Ginway – a "Libby" – frequenta mais reuniões sociais do CLFC do que a maioria dos sócios. Seu primeiro livro, opioneiríssimo *Brazilian Science Fiction: Cultural Myths and Nationhood in the Land of the Future* (Brucknell University Press) acaba de ser lançado e está disponível pela Amazon Books (www.amazon.com).

Este artigo dialoga com aquele escrito por Ataíde Tartari, nosso editor do Informativo Mensal CLFC, na sua edição de abril de 2004. É um relatório sobre a participação dos dois no principal evento norte-americano de ficção científica, fantasia, horror e outras formas do fantástico, no âmbito acadêmico. Em 2004 a conferência aconteceu de 24 a 28 de março, em Ft. Lauderdale, Flórida.



Para ir de Gainesville, onde vivo e dou aulas na Universidade da Flórida, até Ft. Lauderdale, tive que dirigir umas cinco horas, as últimas à noite, e após horas no volante, errei a saída para Ft. Lauderdale. Depois de dar uma série de voltas, e uma quase viagem para Miami, reconheci a estrada e o hotel em que acontecia a International Conference of the Fantastic in the Arts, e deu para chegar lá. O *check-in* foi outro pesadelo, porque havia poucas pessoas atendendo, e um escritor jovem não tinha cartão de crédito que funcionasse, então uma amiga dele teve que buscar o dela – enfim, uma demora e tanto (e depois de ter pedido um quarto de não fumante, o que restava era só de fumante, mas felizmente pude mudar no dia seguinte). Como estava cansada, e não estava de bom humor, não dava para ligar para o Ataíde Tartari, a quem eu deveria acompanhar, e que, pelo visto, estava se virando perfeitamente bem.

No dia seguinte, desci pelas dez horas para tomar café antes da leitura de trechos do livro de

Ataíde, *Tropical Shade*. Candas Jane Dorsey lia primeiro. Ela tem um ligeiro sotaque canadense, mas falava claramente. Ataíde confessou que não entendeu coisa alguma do conto dela!

Era sobre um futuro em que algumas pessoas praticavam ritos pagãos em segredo, comendo carne e frutas de verdade enquanto o resto (a maioria) da população comia coisas artificiais processadas, dos grupos alimentícios politicamente corretos. A protagonista era uma mulher bissexual de meia-idade que tinha perdido o amante no ano passado, e teve casos com cada um dos jovens inquilinos que convidara para o ritual do fim do ano. A protagonista herdou a casa e uma livraria com livros religiosos que ela protegia da polícia secreta.

Dentro da sala o ar condicionado estava forte, então as descrições que Candas dava da neve e do frio canadenses tinham um toque de verdade. Ela leu bastante (quase meia hora) porque Suzy McKee Charnas, que deveria ler depois dela, não compareceu. Parece que houve dificuldades para ela che-

gar. Então foi a minha vez. Eu estava lá para ler trechos do segundo romance de Ataíde, *Tropical Shade*, publicado nos Estados Unidos.

O Ataíde deu uma explicação da trama do livro, e eu li uns trechos — a descoberta do cadáver de Mengele, a viagem para a ilha onde morava a antiga amante. Ao ler, percebi alguns erros que haviam passado pela revisão, e então fui corrigindo conforme lia.

Os participantes fizeram perguntas depois da leitura, e até Candas fez umas muito boas, demonstrando interesse. Teria sido terrível se o pessoal permanecesse em silêncio, depois da leitura. Havia umas dez pessoas lá. O melhor da sessão para mim foi quando soube que Candas fora a editora de Teseract que publicara o romance de Amber Hayward, *The Healer*, que é ambientado no Brasil. Candas explicou exatamente onde estava o livro, que me fora recomendado pelo Roberto Causo, então eu o comprei. Ainda não li, porque estou lendo o livro de Joshua Ortega, um escritor na nossa mesa da sexta-feira, na ICFA.

O almoço da quinta não teve muita graça porque estávamos sentados com pessoas “esquecíveis” — uma senhora que escrevia FC juvenil, uma aluna de pós-graduação, e outros que ajudavam no planejamento da conferência.

A convidada de honra, Daína Chaviano, contou sua história de como ela começou a ler FC em Cuba, e como o gênero chegou a ser uma forma de resistência ao conformismo do comunismo para ela, até o ponto em que ela não agüentava mais, e partiu para Miami.

Disse que ela não percebera a alegoria política do seu primeiro romance, até ter lido um crítico analisando a obra dela. Dale Knickerbocker apresentou a Daína, por ele ser ativo dentro do grupo da FC internacional, e não por se parecer com Billy Crystal. Lida com uma escritora espanhola (catalã?) Rosa Montero, cujo romance *Temblor* parece ser um *Duna* espanhol, só que o problema não é a falta de água, mas a falta de filhos... Dale brincou com as brincadeiras que se faz em banquetes e homenagens. Daí, fingiu começar uma piada típica, só para dizer que ele não ia por aí.

Após o almoço, assistimos a palestra sobre a heroína japonesa vampira — de um anime de *dark fantasy* — que é metade vampira, metade humana.

Eu achei o sotaque da Hiroko, e os conceitos japoneses, difíceis de entender. A vampira, Miu, tem que encontrar os maus espíritos para eliminá-los dos seres humanos, devolvendo-os ao mundo dos espíritos. Ela é um “*slayer*” desta forma, só que parece com os “*shima*” que são deuses e demônios nem maus nem bons — representa “*The Third Nature*” entre o mundo humano e o mundo espiritual. Os inimigos dela são os *yokai*, que querem possuir os seres humanos e usá-los para fins próprios. Uma das inimigas principais dela é Raya, que usa roupas

da corte do século XVII. Há elementos do teatro Kobuki, etc., neste anime. Os japoneses identificam Miu (a vampira) com uma “*shrine maiden*”, porque ela usa a roupa destas, e associa-se com ela a música de uma flauta que chama os deuses. Acho que a apresentadora quis dar uma explicação de por que este show é tão popular, mas não disse explicitamente — talvez seja o teor melancólico, de alguém que não cabe nem neste mundo nem no outro. O clipe que ela mostrou tratava de uma *yokai* que controlava as ações e emoções de um jovem que gostava de gatos. Miu sabia que um dos gatos era esta *yokai*, e ela conseguiu revelar sua verdadeira aparência (tinha cara e feições ocidentais!), para eliminá-la, e liberar o jovem. Se o clipe exibido é típico, parece que os japoneses ainda têm medo de serem controlados por estrangeiros, só que Hiroko não ousou dizer isso.

O outro palestrante da sessão, Rafael Montes, apresentou sobre um Drácula cubano. Foi muito engraçado porque parece que o sobrinho ou neto de Drácula foi morar em Cuba, onde representava uma resistência contra a Máfia americana operante no mundo dos vampiros, que criavam “balneários” subterrâneos com luzes artificiais para os vampiros ricos. O vampiro avô criou uma fórmula que deixaria os vampiros tomar sol, e o sobrinho/neto estava tentando espalhar a fórmula, só que os mafiosos não queriam porque isto destruiria seu monopólio. Pode-se ver a alegoria da riqueza, do capitalismo, etc... Havia dois filmes de que ele falava, mas não pude seguir o resto do que dizia.

Depois disso, fomos à sessão da qual participei. Li aquele trecho do meu livro, o trecho que fala sobre a FC *hard* — Calife, Schima e Finisia como crítica da ditadura (os nomes que Ataíde não mencionou no *Informativo Mensal*). O segundo palestrante do painel, Robert, fez uma apresentação resumindo a recente produção chinesa de FC. O melhor exemplo de um conto típico foi algo como “*A Esposa Ideal*”, que era um robô, mas começou a dar problema. Ela (a robô, como o povo chinês) começa a exigir direitos, liberdade, inclusive falou da democracia dentro do casamento, etc. Este conto parece ter provocado uma nova onda de censura da FC na China. Finalmente a última palestrante falou do conceito do trabalho na identidade alemã, e que certos romances recentes parece ter a ver com um fetichismo do trabalho. Em um deles, um planeta tem que fornecer tapetes feitos de cabelo humano (lembrando campos de concentração — em Auschwitz, vi uma vitrine atrás da qual havia só cabelo cortado — outra só de óculos, outra só de sapatos — imagens assustadoras, muito fortes), e outro romance sobre maquininhas que regulam as funções biológicas, como se o policiamento biológico fosse normal. Também tem coisa aí, mas... enfim, ela não concluiu mais.

Pelas seis da tarde acho que fui fazer ginástica na esteira rolante do hotel. Ataíde me encontrou pelas oito comendo uma salada no restaurante do hotel, e ele pediu um sanduíche ou hambúrguer. Eu tinha uma dor de cabeça o tempo todo que estava lá, então não agüentei assistir mais sessões naquela noite. O Ataíde gostou de "Smut and Nothing But" — o título ficou bem traduzido por ele no resumo: "Sacanagem e nada mais."

No dia seguinte, antes da sessão das 10, conversamos bastante com uma espanhola, Yolanda Molina-Gavilán que editou a antologia *Cosmos Latinos* com a Andrea L. Bell. É simpaticíssima, e muito engraçada. Acho que tem avós galegos, então o português não a incomodou muito.

Como Ataíde disse, fomos logo para a sessão da acadêmica portuguesa Aline Ferreira. Se você se interessa pela clonagem, ela vai publicar um estudo a respeito com a Greenwood Press. Leu sobre os duplos ou sócias na obra de Saramago, Borges, James e du Maurier. Eu mencionei o conto de Gastão Cruls, "Meu Sócia". Ela se especializa em literatura inglesa.

As outras apresentações da sessão; um sobre heroínas e a re-escritura de contos de fadas em vários textos australianos e canadenses: *Coraline* (2002), de Neil Gaiman (reformulação de *Alice no País das Maravilhas*), *Wicked* de Gregory Maguire (reformulação de *O Mágico de Oz*, contado a partir do ponto de vista da Bruxa do Oeste), e *Mirror, Mirror* (Bianca/Branca de Neve, com a rainha sendo Lucrecia Bórgia, da poderosa e corrupta família italiana), e *Whale Rider* (2003) de Wite Ihimaera, escritor neozelandês (e base do filme *A Encantadora de Baleias*). A outra apresentação, que não entendi muito bem, foi sobre a tradição francesa do fantástico ("contes atroces") que a moça (aluna de pós-graduação na Yale) argumentava que tinha a ver com intervenção ou ambigüidade criada pelo narrador, não dos fatos narrados, acho.

No almoço, sentamos com um grupo mais animado. A professora que apresentara sobre a re-escritura de contos de fadas, e o jovem autor, Joshua Ortega. Ataíde pensou que Joshua dissera que era do Brasil, mas Joshua só ouviu a palavra "Brasil", indicando que gostaria de viajar ao Brasil algum dia. O cara mal fala espanhol (eu vi vários erros no livro dele quando um mexicano "fala"), muito menos português! Ele fazia uma turnê de quarenta cidades para promover o livro dele, *Frequencias*. Fazia de carro, as despesas pagas pela editora. Ele seguia, após uma sessão de autógrafos, para Miami.

O discurso de Marcial Souto, um galego que morou muitos anos em Montevideu e Buenos Aires, explicava o seu contato com a FC em língua espanhola, com umas traduções tão boas que ele nem percebia que eram traduções. Explicou como se interessou pela leitura: um pedaço de um roman-

ce de literatura de fantasia traduzido do francês caiu nas mãos dele na casa do avô na Galícia. Ele arava os campos com o avô, lendo aquilo, mesmo com o livro não estando completo. Pela perseguição do regime franquista, a família se mudou para a Argentina, para onde ele seguiu depois. Passou muitos anos como tradutor e editor na Argentina e no Uruguai. Foi o primeiro a publicar *Kalpa Imperial* de Angélica Gorodischer. Ele também foi editor de várias revistas de FC e F, *Ciencia Ficción y Fantasia*, *Entropia* (anos 70), *Minotauro* (anos 80), e *El Pendulo* (89-91). Agora mora em Barcelona, onde organiza o festival de FC de Kosmopolis. Souto, por mais simpático que seja, não é um palestrante carismático, então o Brian Aldiss tinha por que fingir adormecer, como o Ataíde relatou! Souto foi o Acadêmico Convidado de Honra.

Depois fomos ouvir Yolanda e Andrea falar sobre textos de Daína Chaviano. Um que está em *Cosmos Latinos* (eu trouxera um exemplar para mostrar a todos; ficou logo esgotado na área de venda de livros). Yolanda aprofundou as idéias subversivas do conto "A Anunciação", e Andrea falou do uso do corpo feminino e sexualidade como um local de resistência contra a opressão. Ela explicava como, no livro, há dois pares, mas umas das mocas ficou separada de seu par, o qual ela esta tentando reencontrar durante varias épocas. Foi muito convincente. Andrea vai usar seu ano de *sabbatical* para traduzir outro romance, *Gato Encerrado*, da Daína para o inglês.

Mais uma vez, eu deveria ter ido a sessão da noite, "Cultural Identities", mas não agüentava mais. Foi quando levei o Ataíde para conhecer Ft. Lauderdale Beach. Um vento danado; trânsito, o início da *rush* às 5 da tarde. Estacionamos o carro, passeamos um pouco no calçadão, depois compramos sorvete num shopping aberto, mas abrigado do vento, vendo crianças pularem num trampolim, seguradas num tipo de cinto especial. Depois fomos ao centro chique de Ft. Lauderdale, com os restaurantes com pátios, lojas de antigüidades. Eu comprei uma gravata "designer" (caríssima) que tinha flores como Flower Power tipo Austin Powers para o meu marido David, que cuidava do meu filho Matt, pensando que seria uma boa recompensa. A moça que trabalhava lá era brasileira, tendo frequentado o MacKenzie, então ela e Ataíde conversaram um pouco. Escurecia, então buscamos meu carrinho e voltamos ao hotel pelas 7 da noite, acho.

Detesto dirigir — e com razão, fico distraída, e na volta para Gainesville, entrei numa estrada e vi que teria que atravessar quatro pistas para alcançar a saída para a rodovia ao rumo norte, e ninguém me deixava atravessar, e, ao acelerar tanto, foi por pouco que não perdi controle na curva da saída! Os motoristas desta região perto de Miami são muito agressivos e impacientes!

Hora de ginástica. Sabia que ia levantar cedo para ir a sessão de "National and Global Identities in Scholarship on the Fantastic" às oito e meia. Eu originalmente fora aceita para participar, só que a moça encarregada da sessão, Robin Reid, se esqueceu que me tinha aceito. Mande a cópia do e-mail para Andrea depois e ela desculpou a falta de organização... Mas a sessão era muito interessante para mim, porque Joan Gordon e Veronica Hollinger, que são grandes nomes na crítica, falaram com alguém que lhe dissera que a FC não era um bom meio para falar do nacionalismo. Fiquei revoltada. Eu contribuí várias vezes para a discussão dizendo que não estava de acordo, pela minha experiência. Andrea me apoiou falando da FC mexicana. Marcial Souto deu o exemplo de uns escritores argentinos que não falam nada do meio nacional, e outros, espanhóis radicados na Argentina, que são mais "nacionalistas" que os próprios argentinos. Talvez com meu livro impresso (que acabou saindo em maio), terei mais convicção e credibilidade.

Outro jovem professor Jamil, dizia que a gente precisava falar mais do discurso anti-colonial, pós-moderno, etc. — coisas que eu tento fazer no meu livro. Bom, prometi-lhe que ia traduzir o conto de Anna Creuza Zacharias "Portas Induzidas" para ele, porque vai dar uma aula sobre transformações de contos de fadas. Gostaria de ter tido aquele conto do autor indiano, Ashok Banker, daquela antologia de fantasia, *The Year's Best Fantasy 2!*

As pessoas no painel incluíam: a professora que falava da FC alemã, outra que falava da produção de FC de Quebec, aquele da FC chinesa, e Marcial Souto.

Logo fomos para aquela sessão de mais contos de fadas e folclore: aquela dos "ghosts in the potty" ("fantasmas no penico?"). Eu perdi o início por falar com Javier Martinez, o editor de *Extrapolations*, e por assistir a outra apresentação sobre contos, que se referia ao uso de peles de animais por humanos para um devido fim e outra, uma comparação de contos de fadas russos com os franceses e alemães (ronc!). Outra moça que falava num tom tão superior, tão sabetudo...

Ataíde e eu almoçamos sozinhos no restaurante do hotel, ao lado da professora Sharon que falava de demônios nos penicos, e o marido dela, que era advogado. Eles tinham ido para Espanha e gostavam muito de viajar. Ataíde gostou da conversa. Eu tinha a mesma dor de cabeça de sempre, e quis desligar (pensava em tudo que tinha que fazer ao voltar!). Ainda tive que colocar as malas no carro e chefiar uma sessão com três palestrantes e dirigir as cinco horas para casa.

Correu tudo bem na minha sessão. Houve pouco público para uma sala tão grande (sala para 50, com 10-15 pessoas assistindo). Primeiro falou uma aluna depôs sobre a figura de Caliban em Shakespeare e encarnações mais recentes como a imagem

do colonizado. Omitiu as obras de Rodó e Retamar a respeito de Caliban, então para mim, era muito eurocêntrico — o que ela pretendia evitar — só referências de colônias inglesas e francesas, nada do mundo hispano-americano. Quando escrevi para ela, confessou que não sabia espanhol, então ficava com as referências em inglês e francês.

Depois uma professora que falava de um texto cujo autor, Edouard Glissant, eu conhecera aqui, sendo convidada para jantar com ele por uma colega da área de francês. O título seria *Ripening* (ou *Maturing?*). Tratava de um movimento de revolucionários que se meteram com praticantes do vodu, só que tudo ia pela metáfora, nas entrelinhas. O cachorro que mata a heroína tinha um simbolismo especial, demoníaco, a qual nem ela, nem o marido, tinham prestado atenção.

Finalmente, a melhor apresentação foi sobre uma vampira que vai para a África para encontrar o pai dela. Ela consegue uma vaga como diretora de um internato, onde ela se vinga de todas as autoridades coloniais do lugar. Eu não me lembro das internas sendo vampiras como Ataíde disse, só a diretora era vampira, lésbica, se não me engano, mas ela usa seu poder sedutor sobre os homens para conseguir o que quer. O que é verdade é que a escola ganha a reputação de ser mais como um bordel, num ambiente de liberdade sexual. Embora não seja explícito, Célianire parece ter poderes de vampira, porque todos os que a opõem acabam morrendo em acidentes violentos e bizarros. O romance, *Célianire Cut-Throat* (Célianire cou coupé), representa uma vampira pós-colonial; "ire", a última parte do nome significa raiva em francês e inglês, e simboliza o seu desejo de vingança. Ela tem uma cicatriz no pescoço que ela disfarça, mas que alude à violência pessoal (colonial) do Caribe, do qual ela é representante. O romance tem uma boa dose de sexo e aventura, mas também é uma crítica séria contra o colonialismo, de um ponto de vista feminista. Quando Andrea me perguntou, eu recomendei este trabalho para publicação no JFA (*Journal of the Fantastic in the Arts*).

Uma idéia que este professor, Alfred Fralin, promoveu, foi algo assim: "Como sabemos todos, o realismo mágico provem da presença africana no Caribe." Conceito interessante, não é? Por mais que haja uma presença negra na nação brasileira, sua expressão cultural não se manifestou fortemente nessa literatura. Até com Jorge Amado, os personagens que têm algo a ver com o realismo mágico, tem contato com candomblé — *Dona Flor, Quincas Berro d'Água* —, mas o candomblé já explica tudo, e já não é aquela magia de verdadeira assombração. Achei interessante, porque todo gringo fica louco pelo realismo mágico, e quando digo que no Brasil não tem disso, ficam desapontados.

Estou lendo o livro de Joshua Ortega (um ruivo, que tem pouco de "latino" — parece irlandês). Tem

a ver com uma descoberta de que podemos comunicar com todos os seres vivos no planeta por nos sintonizarmos com certas "frequências" ou ondas sonoras. Só que esta invenção foi apropriada pelo governo para controlar a mente humana. Há uma bela e rica protagonista que se apaixona pelo jovem policial. Este faz parte de um esquadrão que pega os que estão "freaking" (fora de sintonia, controle). Parece que ela foi escolhida ao saber desse mau uso da máquina, ao mesmo tempo que um colega do policial, que fora transportado ao futuro, está fazendo o mesmo, para devolver a máquina ao seu uso original. A mãe dela morreu, e o pai mandou fazer um clone que a substituiu, mas que foi contaminada por um vírus. É um pouco *cyberpunk*, *noir*, *biotech*, ecológico ao mesmo tempo. Não cheguei ao fim, mas é por aí. O interessante, para mim, é o uso de *copyright* em todos os produtos. Se o cara bebe Coca-Cola, vai aquele símbolo de *copyright* – Coca-Cola™ *

Cheguei ao fim de *Frequências*, e Ataíde e eu concordamos em que o livro acaba sendo um pouco juvenil com tanta descrição de máquinas (*gadgets*), final meloso para o casal policial e a bela ricaça), após do começo promissor. Consegui tirar o romance *Célanire cou coupé* (*Célanire Cut-Throat*) da nossa biblioteca. Estou na segunda parte das quatro do romance, onde descobrimos como tinha sido a vida do pai de Célanire em Guadaloupe. Parece-me que todos os eventos narrados pelo professor vêm principalmente da primeira parte do livro. Embora ela tivesse mexido com a sociedade colonial (e até com as tribos tradicionais africanas), o narrador diz que as obras dela ficam quase esquecidas após sua saída da Costa de Marfim com o novo marido (o antigo governador da região) em 1906. Para mim, o personagem principal é o mulato Hakim, um mulumano homossexual que acaba matando seu amado sob circunstâncias misteriosas. Fica exilado em Guadaloupe onde conhece o pai de Célanire. Veremos!

ISBNISMOS...

Considerando o quanto é incomum termos lançamentos recentes que foram premiados no mundo da ficção científica e fantasia, aqui estão três: **Neuromancer** (ISBN 85-85887-90-7), de William Gibson, romance ganhador do Nebula 1984, o Philip K. Dick '84, o Hugo '85, e finalista do John W. Campbell '85. Reaparece na era *Matrix* com nova capa de André Felipe de Paula, e uma introdução do jornalista Alex antunes, que também revisou a tradução de Maya Sangawa e Silvio Alexandre. A editora, claro, é a Aleph, a mesma que lançou o livro na saudosa Coleção Zenith, que esteve no centro das atenções dos fãs no início da década de 1990, quando publicava nomes como Orson Scott Card, Bruce Sterling, Gardner Dozois e André Carneiro. O romance é a primeira grande obra do movimento *cyberpunk*.

Já **Deuses Americanos** (ISBN 85-87193-59-7), de Neil Gaiman (lançado aqui pela Conrad Livros), marca a ascensão do então roteirista de quadrinhos a uma posição estelar dentro da ficção científica literária. O romance recebeu os prêmios Hugo, Nebula e Locus 2002. Trata-se de uma jornada de um homem que descobre que sua vida está intrinsecamente relacionada aos deuses ancestrais que vieram à América, com os seus imigrantes. Uma fantasia contemporânea, portanto. A mesma Conrad lançou outros livros do autor, incluindo o livro ilustrado **Os Caçadores de Sonhos** (ISBN 85-87193-22-8), com Yoshitaka Amano, além de várias antologias de contos baseados nos quadrinhos que consagram Gaiman, *Sandman*.

Gaiman é também autor de **Coraline** (ISBN 85-325-1626-2), novela de fantasia ganhadora do Hugo

2003. As ilustrações internas são de David McKean. Como acontecia com as crianças de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (As Crônicas de Nárnia), de C. S. Lewis, a jovem protagonista destranca uma passagem mágica no apartamento em que vive com os pais em Londres, e vai parar em um mundo paralelo. Já se fala que será transformado em filme, brevemente. O diretor e roteirista deverá ser Henry Selick.

A nossa última indicação de obra premiada é **Harry Potter e o Cálice de Fogo** (ISBN 85-325-1252-6), de J. K. Rowling, que recebeu o Prêmio Hugo em 2001, não sem alguma controvérsia e protestos de alguns setores da comunidade de ficção científica e fantasia. Todos os livros de Harry Potter no Brasil são lançados pela Rocco, com tradução da festejada Lia Wyler.



"Adoro a definição do escritor de ficção científica como: Nos anos 1890, qualquer idiota poderia ter visto a chegada do automóvel, mas seria preciso um visionário ou um futurista para prever o sistema rodoviário intercontinental. E seria preciso um escritor de ficção científica, para prever o engarrafamento de trânsito."

— Connie Willis

HÓSPEDES

OCTAVIO ARAGÃO

O autor entrou em evidência na ficção científica brasileira com o conto "Eu Matei Paolo Rossi", na antologia Outras Copas, Outros Mundos (1998), editada por Marcello Simão Branco. Essa história tornou-se base do projeto Intempol© de mundo partilhado, em que vários autores desenvolvem histórias no mesmo universo ficcional. O primeiro livro de Intempol© – Intempol: Uma Antologia de Contos sobre Viagens no Tempo – apareceu em 2000 pela Editora Ano-Luz, e ela está prestes a se tornar um RPG pela Devir, de São Paulo. Este conto fantástico dialoga com "As Formigas" – história recentemente vista na ótima antologia Páginas de Sombra: Contos Fantásticos Brasileiros, de Bráulio Tavares –, de modo a homenagear a sua autora, Lygia Fagundes Telles.



1ª noite:

Mais uma vez uma fagulha rasga a noite que me envolve.

Agora é mais forte, certamente fruto da natureza imaginativa de meu novo hospedeiro. Quase posso sentir a espessura dos pensamentos que emanam da... não... das recém-chegadas.

Percebo, ainda mal desperto aqui no meu canto, as diferenças e sutilezas de cada uma das pessoas que agora me cercam. Desejos, lembranças e sonhos vão tomando seus lugares enquanto um curioso cerimonial se desenrola do outro lado de minha escuridão particular: o rito de apresentação social dos homens.

– Estudo Direito. Medicina é ela.

Sons! Vozes! Por quanto tempo fui privado dessa iguaria? Sou invadido pela absoluta certeza que, dessa vez, tudo vai dar certo, quando (bendita curiosidade humana!), subitamente, todo o veludo se desfaz em luz. Meu ataúde é aberto.

Enfim meus ossos estão à mostra.

2ª noite:

A zeladora de minha casa escolheu muito bem. Duas jovens se propuseram a alugar um quarto. Quase meninas e já ansiosas pelo conhecimento. Essas são minhas hospedeiras e eu me esforço para conhecê-las a fundo em um exíguo espaço de tempo.

Uma é romântica, possui dotes literários e artísticos. Apaixonada pela humanidade. A outra é prática, cética e quase me convido de sua superioridade de tanto que acredita em si própria e em sua ciência. Ao ser apresentada à minha ossada, fez questão de guardar meu esquite sob a cama. Expôs meus restos à luz e, ironicamente, quer montar meu esqueleto. A ela chamarei "mãe".

Minha necessidade agora é alimento e suas mentes são minha despensa. A casa, velha e imponente, caiu em silêncio e o momento é propício para jantar.

Mergulho em seus sonhos como dedos em tutano gelado. Sinto a tessitura de suas paixões, seus desejos, e me fortaleço. Intervenho em suas imagens oníricas e, mais

uma vez, me vejo incorporado. Pernas, braços, cabelos louros... Que bom ter tudo isso outra vez! Melhor ainda saber que em breve estarei entre os vivos, de forma real, consistente.

Há resistência, porém. Estou fraco, muitos anos nas sombras, esquecido e distante. Uma delas reage violentamente e acorda. Pressente algo errado e, movida pelo medo, materializa uma imagem onírica.

Formigas. A jovem acredita ver formigas em meu ataúde, sob a cama. Melhor assim. Meu hospedeiro anterior via ratos.

Ela acorda a colega, que também vê as formigas. A força do inconsciente de "mãe" é impressionante! Com tal poder, meu desenvolvimento será muito mais rápido. Preciso delas!

3ª noite:

Consigo estabelecer e, no processo, recordar, diferenças entre temperaturas. Quente é diferente de frio. Seco diferente de úmido. Quantas variações! Durante o dia, bem alimentado, me desenvolvi serenamente, sem pressa, antecipando os últimos momentos de recolhimento, meu despertar.

O processo está bem adiantado. Já não sinto tanta necessidade de minhas benfeitoras. Está próxima a hora de nos apresentarmos formalmente.

Carne recobre meus ossos. Carne retirada do medo, do amor e do desejo. Sou como era mas, também, como elas querem que eu seja. Tenho os olhos do pai de uma, o nariz do noivo da outra e por aí vai, num amálgama de perfeições particulares.

Um último espasmo percorre meu corpo. Hora de acordar.

Decepção. O quarto está vazio. Porém, através da janela, eu as vejo. Com as mãos sobre as cabeças, fugitivas, formigas apavoradas correndo noite adentro.

Para Lygia Fagundes Telles

Resenha: *O Clube da Morte*, Jerônimo Monteiro (escrevendo como "Ronnie Wells"). São Paulo: Edições "O Livreiro", "As Aventuras de Dick Peter" N.º 1, s.d.

Este livro faz parte de uma curiosa coleção de fins da década de 1940, ainda que venha sem a data da edição. Não chega a ser um livro de bolso, mas é uma brochura bem simples e cômoda para ler. Na capa a figura de uma bojudia aranha em sua teia, e as palavras supracitadas: "As Aventuras de Dick Peter", "Mistério" e "Ficção Científica". Tenho a impressão de que foi a primeira coleção brasileira explicitada, na capa, como sendo do gênero ficção científica; só que dividindo com o gênero mistério, isto é, policial.

Jerônimo Monteiro (1909-1970) foi um dos primeiros escritores brasileiros a criar uma obra extensa de FC. Dick Peter, porém, é um detetive amador, e mora em *Nova York*. Nem todas as suas aventuras têm a ver com FC. *O Clube da Morte* é meramente detetivesca.

Autor de *3 Meses no Século 81*, *Os Visitantes do Espaço*, *Fuga para Parte Alguma* e *A Cidade Perdida*, Jerônimo Monteiro preferiu se ocultar sob o pseudônimo de "Ronnie Wells" para assinar as novelas protagonizadas por um herói norte-americano. "Wells", naturalmente, é uma homenagem a H. G. Wells. Para caracterizar o aspecto popularesco da edição, vemos que não há nenhum comentário editorial, nenhum indício de que o autor seja brasileiro, salvo a ausência de referência ao título original, à editora original e ao tradutor. Na capa aparece ainda a silhueta de um homem com chapéu e cachimbo, lembrando Sherlock Holmes; na contracapa são mencionados nove títulos da coleção, inclusive este que é o primeiro.

A história em questão é uma novela policial bastante ingênua e que não obstante funciona. Dick Peter é um detetive amador que auxilia a polícia de Nova York, principalmente o sargento Cross e seu chefe Morris. Mas, como de hábito nas histórias detetivescas, o amador é mais esperto, é o que percebe a inconsistência da versão oficial. Quando um rico caipira, conforme esta versão, se suicida no *Benton's Club*, é Dick o único que enxerga nisso alguma coisa errada, como se vê no capítulo 5, página 58:

- [...] Mas você não vê que é uma história inacreditável?
– Inacreditável? Por quê?
– Inacreditável do princípio ao fim!

E Dick tinha razão, pois outros suicídios tinham ocorrido naquele clube, sempre de ricos inexperientes e recém-chegados a Nova York, que per-

diam toda a fortuna no jogo, assinavam uma promessa e se matavam em seguida. E a polícia sem desconfiar de nada... Mas nem há mistério de fato, já que desde o princípio o autor revela as tortuosidades do clube.

Na seqüência, porém, Dick já não se revela tão esperto, pois cai facilmente numa armadilha dos bandidos e só se safa porque estes cometem um descuido.

A falar a verdade, não há grande mistério na história, pois a chave de tudo é dada no início. Um cassino é explorado por um gangster sem-vergonha, conhecido como Big Benton. Gray é um dos seus principais auxiliares. Eles descobrem novos ricos ingênuos que chegam à grande cidade e os aliciam, atraindo-os para o clube de jogatina, iludidos pela ambição de ganhar mais dinheiro. Deixam que eles ganhem a princípio; depois, quando a volúpia do jogo já não os deixa raciocinar, levamos-nos à ruína... E os matam simulando suicídio, depois que assinam uma gorda promessa.

A trama é algo perfunctória, pois criminosos inteligentes não iriam se expor tanto, repetindo sistematicamente o mesmo golpe que incluía assassinato, como se cada rico arruinado estivesse sempre armado de revólver; nem iriam aprisionar Dick Peter só por identificá-lo sob disfarce, pretendendo matá-lo depois; ao contrário, iriam ser mais cuidadosos e desistir do golpe então em andamento (contra uma mulher). Além dessas fragilidades de enredo, nota-se também a má revisão do texto, que está cheio de erros (exemplo: na página 8: "dois cavaleiros mantém animada palestra sentado a uma mesinha").

Apesar de tudo, é uma história na média dos contos detetivescos que saíam em revistas como *Meia-Noite*, *X-9* e *Ellery Queen*. Dá para ler sem esforço, apesar de que Dick Peter não tem o charme de um Nero Wolfe, Perry Mason ou Simon Templar. A narrativa, o enredo e os diálogos são medianos.

A brochura tem todos os aspectos de edição popular, inclusive o papel barato. Embora *O Clube da Morte* seja o N.º 1 da coleção, cronologicamente não dá início às aventuras de Dick Peter (aventuras mais físicas, com boa dose de violência, que cerebrais), pois há menção de *A Febre Verde*, outro volume.

Hoje em dia, Dick Peter é um personagem esquecido pela mídia.

– Miguel Carqueija

PROJETO MULAH DE TRÓIA XXIV

B. B. JENITEZ

Recordar é viver... Recordemo-nos primeiro que o humor na ficção científica brasileira parece ser mais comum no Somnium do que em outras partes. Após uma longa ausência, retorna às nossas páginas a sátira farsesca da série Projeto Cavalo de Tróia, do espanhol J. J. Benitez. Quando o primeiro conto de "B. B. Jenitez" foi publicado, no Somnium N.º 47 (com um segundo conto no N.º 48), íamos pelo ano de 1990, quando os livros de Benitez eram best-sellers no Brasil. O autor, Osame Kinouche Filho, deu um jeito de atualizar o contexto da sua série de contos, e enquanto recordamos e lemos este "Projeto Mulah de Tróia XXIV", percebemos como de lá para cá os nossos piores pesadelos se tornaram realidade. O primeiro da série, "Projeto Mulah de Tróia", recebeu em o Prêmio Nova de Melhor Conto de 1990.



O grande físico Niels Bohr disse certa vez que uma verdade profunda é aquela cujo oposto também é uma verdade profunda. Pois bem, meu caro leitor, eu não sei se a frase de Bohr é uma verdade profunda, mas posso lhe dizer uma coisa: este relato contém apenas verdades profundas. Hum... Se a frase de Bohr for uma verdade profunda, então é uma verdade profunda que o oposto de uma verdade profunda não é uma verdade profunda? Bem, deixa pra lá...

Isso me faz lembrar daquela pergunta impertinente que sempre me fazem ao terminar minhas palestras: "Dr. Jenitez, além de ter sido jornalista, o senhor também já foi escritor de ficção científica. Afinal, seus livros são verdade ou ficção?" Minha resposta para essas pessoas (que só agora percebi que provavelmente estejam sendo "plantadas" pelo Serviço Real de Informações!) é, simplesmente: "Ficção é a arte de falar verdades usando apenas mentiras, e jornalismo é a arte de falar mentiras usando apenas verdades."

Aproveitando a oportunidade, venho esclarecer a meus queridos leitores que aquela história de que eu teria falsificado a análise da amostra de solo no caso do ET de Varginha é totalmente inverídica. Pois é claro que os resultados do laboratório para o qual encomendei a análise foram trocados por algum agente do SRI a serviço do MJ-12. Além do mais, como eu poderia saber que aquelas supostas marcas de um tripé de OVNI nada mais eram que dois buracos de mourão e um cupinzeiro destruído? Não existem cupinzeiros daquele tipo aqui na Espanha!

O querido leitor deve estar atento e precavido, pois uma verdadeira campanha difamatória contra a minha pessoa está sendo orquestrada pelo MJ-12

e pelo Governo Secreto Mundial. Chegaram até a dizer que B. B. Jenitez não existe, sendo apenas um grupo de escritores mediocres que trabalham coletivamente... Ah, supremo ridículo, tais invectivas seriam cômicas se não fossem trágicas (sim, tragicamente tais difamações têm diminuído a vendagem de meus livros...).

Em minha recente obra "Os arquivos X de Marilyn Monroe" o leitor poderá encontrar uma descrição completa dessa grande conspiração do MJ-12 e o Governo Secreto Mundial. Pois os governos ocidentais judaico-cristãos não querem admitir que Marilyn foi assassinada devido ao fato de que sabia demais. Mas agora isso foi revelado pelo famoso vídeo de Billy Méier mostrando ela e Kennedy passando aquele fim de semana na Área 51 e na Área 69. E uma imagem (especialmente de Marilyn) vale mais que mil palavras!

Mas chega de preâmbulos e vamos ao essencial: quero anunciar aos meus queridos fãs que o livro *Projeto Mulah de Tróia XXIV* já está nas livrarias, farmácias e *sex shops*. A estimada editora desta publicação (minha adorada, competente e riquíssima esposa) pediu-me para iniciar uma coluna semanal neste já popular jornal eletrônico, *New Age News*, que recentemente atingiu a marca de 1 bilhão de acessos/mês. Assim, escolhi, nesta excepcional oportunidade, comentar algo também excepcional: o fim das aventuras do Major, relatado neste meu novo e volumoso volume (perdoem o pleonasma, garanto que ele é extremamente descritivo).

Pois bem, a fim de dar um *preview*, naturalmente esquemático e incompleto, pois o caro leitor deve saber com certeza que apenas comprando o livro terá uma visão adequada de seu conteúdo... *En passant*, por favor, peço encarecidamente que meus

amados leitores entrem na campanha "ABAIXO A PIRATARIA DE JENITEZI!" Juro e garanto que fui eu quem escreveu a versão original do livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, e não aquele escritorzinho plagiador medíocre e desconhecido que retirou os meus OVNIS do enredo.

Mas, como dizia, a fim dar a meus leitores um pequeno aperitivo do conteúdo sensacional deste último livro, revelo que as aventuras do Major chegam ao seu clímax (finalmente!). Mas antes, devo fazer uma retrospectiva de toda a série a fim de contextualizar tão portentoso e emocionante relato final.

Como todos devem estar lembrados, o Major e seu amigo viajaram no tempo seguindo uma tática de guerra espaço-temporal idealizada pela Rand Corporation e a CIA, logo após a pulverização do monumento ao World Trade Center (e, por sinal, de metade de Nova York junto com ele) e a queda de Bush III. Esta era a única esperança da América para evitar tal catástrofe: viajar para o século VII e deletar Maomé do registro temporal.

O problema com essa missão (que foi bem cumprida em sua primeira versão temporal) é que, ao eliminar o Islamismo, eliminou-se de quebra também a ciência e a matemática árabe, de modo que a Idade Média durou mais 350 anos na nova trilha temporal. O Major, num ato de coragem, voltou para a localização espaço-temporal da primeira missão e deletou seu querido amigo antes que este deletasse Maomé, de modo que a antiga trilha temporal foi restaurada. De quebra, evitou-se a disseminação da AIDS durante a Idade Média (ver detalhes no Projeto MT II).

Assim, diversas missões frustradas ocorreram para se evitar o atentado, em ordem temporal: a tentativa de converter Maomé ao Budismo pacifista (PMT III), de deletar a expressão "Jihad" do Alcorão (PMT IV), de evitar a queda de Constantinopla (PMT V, com terríveis conseqüências para as Américas, como meus caros fãs devem se lembrar), diversas tentativas de eliminar ancestrais de Bin Laden, do século XVIII em diante (PMT VI a X), o ataque mal-sucedido a Bin Laden bebê (PMT XI), a

tentativa de evitar o primeiro ataque ao WTC, vergonhosamente sabotada pela seção de contra-ataque temporal da NSA, porque provocou a não eleição de George W. Bush (vulgo George Bush II) em 2004 e a conseqüente deleção temporal da monarquia presidencial da dinastia Bush.

Podemos ainda lembrar as tentativas frustradas de evitar a queda da dinastia Saudita e a ascensão do nazi-sionismo em Israel (PMT XII), a tomada do poder no Iraque pelos xiitas e a re-talebização do Afeganistão (PMT XIII), a transformação do Paquistão em Califado e a Guerra Nuclear Paquistão-Índia (PMT XIV), as revoluções islâmicas no Egito, Argélia e Indonésia (PMT XV). Em seguida, as tentativas desesperadas de salvar o regime comunista da Coreia do Norte (PMT XVI) ou evitar que o FMI levasse ao colapso o recém-eleito regime democrático da Coreia unificada (PMT XVII), os esforços de ataque temporal visando impedir a comercialização de artefatos nucleares coreanos no mercado negro internacional (PMT XVIII), a tentativa de sabotagem do barco transporte francês (PMT XIX) e destruição preventiva da Nova Estátua da Liberdade ou Estátua de Tróia como ficou vulgarmente conhecida (PMT XX) e, finalmente, a tentativa de evitar na última hora o atentado na cerimônia de homenagem dos treze anos do Onze de Setembro (PMT XXI a XXIII).

Tudo em vão, como nove entre dez leitores e WEBespectadores sabem. Pois bem, nesta saga final o caro leitor terá em primeira mão, e pela primeira vez, um relato autêntico e bem documentado de como na verdade o atentado foi evitado (pelo menos na nossa trilha temporal). Sem querer tirar a surpresa, apenas indico que isso teve a ver com a deleção temporal do *poodle* da amante do vice-presidente Schwar-zenager.

Meus caros leitores, não se esqueçam: esta maravilhosa aventura está a sua disposição no novo *Projeto Mulah de Tróia XXIV* (publicado em dois volumes em *paperback*). Também disponível em áudio E-book, DVD-livro e Braile virtual. Espero que apreciem e se extasiem com esta verdadeira obra-prima! Até a semana que vem!

FAÇA CONTATO!

Se o leitor se interessar em um contato com os contistas desta edição, abaixo ele encontrará os seus e-mails. Mas sugerimos que as suas opiniões ou críticas sobre os contos – assim como sobre os artigos e resenhas – sejam enviadas para a coluna de cartas do *Somnium*, para que possamos transformar o fanzine em um fórum aberto de debate.

Carlos Orsi Martinho "O Mistério da Sala Quatro" carlos.martinho@terra.com.br

Ivan Carlos Regina "Negro Laranja: Excerto do Diário do Duque de Castelpolo" ivanregina@bol.com.br

Maurício Bugarin "EthenPol" bugarin@unb.br

Octávio Aragão "Hóspedes" oaragao@uol.com.br

Osame Kinouchi Filho (BB Jenitez) "Projeto Mulah de Tróia XXIV" osame@dfm.ffclrp.usp.br

O MISTÉRIO DA SALA QUATRO

CARLOS ORSI MARTINHO

Carlos Orsi Martinho, autor do livro de contos Medo, Mistério e Morte (1996), é um freqüente colaborador do Somnium e de outros fanzines nacionais e estrangeiros. Foi um dos principais nomes dentro da Editora Ano-Luz, lamentavelmente encerrada em abril de 2004. Essa foi uma importante editora em sistema de cooperativa, que lançou várias antologias temáticas, entre elas Phantastica Brasileira (2000), que Martinho co-editou com Gerson Lodi-Ribeiro. Assim como o narrador deste conto, Carlos Orsi Martinho é jornalista.

Recebi por telefone, com voz de mulher, a notícia do suicídio de Avelar, o físico que se convertera em teólogo. Era uma noite de suicidas: chuvosa sem ser tempestuosa, mais cinzenta do que propriamente negra.

Lembro-me de que atendi o telefonema ainda na redação. Meu trabalho consistia em manter sempre atualizado o noticiário internacional, o que exigia pouco mais do que a conjugação, em ritmo alucinado, quase histriônico, do verbo morrer: morrem palestinos, morreste israelense; morriam americanos, morrerão kosovares; morreram indonésios, morreríeis espanhóis; morremos brasileiros. Neste jogo tão frenético quanto tedioso, Avelar introduziu a única pessoa que faltava: morro, eu.

O expediente se aproximava do fim, e considerei a hipótese de ir ao velório. Decidi contra: não via Avelar já há anos, e a pessoa que ligara para dar a notícia havia dito, no curso de nossa breve conversa, que Avelar e Rosana já não viviam juntos, também, há anos. Avelar tinha família, um pai ou um tio, ainda vivo — mas longe. Talvez no Paraná. Rosana não lhe dera filhos. Não haveria, portanto, para quem estar lá. À exceção do morto, claro, mas ele dificilmente sentiria falta de minha companhia.

Meia hora depois, eu descia do táxi e corria sete metros pela chuva, até o arco sobre a entrada principal do velório. O guarda municipal me olhou de soslaio — imagino o tipo de problema que ele deve ter com moleques e bêbados — mas se o terno puído, a gravata frouxa e o olhar atarantado me davam ares de alcoólatra, algo na minha atitude deve ter tranquilizado a autoridade, já que ele me dirigiu a palavra em tom cortês, e disse:

— Sala quatro.

Até hoje não sei se Avelar era o único cadáver da noite ou se o guarda, movido por uma certa compaixão ou senso de simetria, achou por bem me dirigir ao defunto menos freqüentado.

Seguindo a orientação do guarda, logo tive certeza de que a tal "sala quatro" era na verdade uma espécie de depósito, usado como local de visitação apenas em caso de velório lotado ou de mortos de muito pouco prestígio: não só ficava numa espécie de subsolo, ao qual dava acesso um lance estreito de

escadas (as demais salas, em contraste, ficavam todas no nível da rua) como era extremamente mal iluminada.

Ao chegar lá pude perceber, em meio à penumbra, grandes volumes — sombras pesadas, como enormes caixas de som — acumulados ao redor do caixão.

Foi nesse espaço exíguo, escuro e abafado, com meus cabelos ainda pingando da chuva, que reencontrei Avelar.

Creio já ter dito que não o via há anos. Exceto pela comicidade involuntária dos tufos de algodão no nariz — que não eram exatamente algodão, mas algum outro tipo de fibra, mais brilhante, talvez sintética — sua face no caixão era estática e solene. Por um instante, porém, pensei ter visto ali uma certa leveza, algo que dava a idéia, certamente falsa, de fluído, transformação e fluidez.

Em vida, a expressão de Avelar ao falar sobre Deus, buracos negros e informação destruída tinha se mostrado mercurial, em contínua mutação, moldada e açoitada por golpes e ondas sucessivos de emoção palpável, entusiasmos e desesperos convulsivos. Na morte, o efeito se mantinha, ainda que como ilusão. Assim era Avelar.

Conheci Avelar por causa de minha mulher. Acho que é hora de admitir que sou agnóstico — costume dizer que se Abraão viu um anjo, Moisés, a sarça ardente, os Apóstolos, um homem voltar dos mortos, e Maomé, o Arcanjo Gabriel, também tenho o direito de esperar algo tão ou mais chocante antes de formar uma opinião. Afinal, acho que se os maiores pilares do monoteísmo só foram convencidos por meio de maravilhas e portentos, seria injusto esperar mais de mim. Se Tomé pôde, por que não eu?

Isso vem ao caso porque minha mulher é católica, muito católica. A religião lhe faz bem, e não tenho queixas quanto a isso. Ela tolera, com uma paciência que só o amor pode explicar, todas as minhas perplexidades metafísicas, muitas das quais poderiam ser vistas como ataques à sua fé — não só as tolera, como muitas vezes ri comigo de alguns de meus paradoxos mais cabeludos.

Foi minha mulher quem me apresentou Avelar. Eu devia ter acabado de enunciar alguma heresia

monstruosa, quando ela me olhou de soslaio, ainda que um soslaio bem mais amistoso que o do guarda do velório, e disse que eu deveria acompanhá-la à missa. Era domingo.

— Missa? Eu? Por quê? A homilia vai ser sobre desejar a mulher do próximo?

— Não, seu bobo. Isso eu resolvo com o pau de macarrão.

— Louvado seja. Então?...

— Tem um ministro que eu acho que você ia gostar de conhecer.

“Ministros” são leigos que auxiliam o padre e fazem a distribuição das hóstias — esse tanto eu já sabia. O ministro a que minha mulher se referia era Avelar. Curioso, fui à missa. Não me lembro do tema da homilia, nem de ter visto Avelar no altar. Mas, terminada a cerimônia, fui até a sacristia, onde fomos apresentados.

Avelar era um homem mais velho e mais alto do que eu. De longe parecia totalmente careca, mas de perto era possível distinguir a calvície completa no alto do crânio do cabelo rapado ao redor das orelhas e na nuca.

Minha mulher repetiu para ele a heresia que eu havia sugerido mais cedo, em casa. Confesso que fiquei um pouco mortificado — me senti como se tivesse entrado vestido de galinha numa festa de casamento, se é que você me entende. Avelar apenas sorriu e disse:

— Ah! Mais um teólogo especulativo.

“Mais um” porque ele mesmo era outro. E muito melhor do que eu: tinha um doutorado em física, obtido uns vinte anos antes, e em seguida partira para estudar teologia, perdendo um pouco o contato com os avanços mais recentes das ciências. Seu fervor católico era relativamente novo, mas seu teísmo inabalável tinha, como fiquei sabendo em uma série de conversas que mantivemos ao longo dos meses seguintes, uma base inabalável nos fatos.

Que fatos?

— São duas coisas — ele dizia, sempre. — Uma, o princípio de Landauer. Conhece? Não? Bem, é simples: afirma que toda perda de informação gera uma dissipação de energia. Assim, tipo, apagar um arquivo faz o computador, e o ar ao redor do computador, esquentar um pouco. Isso não é apenas um fato da informática, mas da natureza: sempre que uma informação é destruída, um pouco de energia é liberada no ambiente.

— Interessante...

— A segunda é o Big Bang.

— Big Bang?

— Isso.

— O que Landauer tem a ver com o Big Bang?

— Ora! O Big Bang foi a maior dissipação, a maior liberação de energia de todos os tempos... Não: foi a liberação de energia que *deu origem aos tempos*. E o que se conclui disso?

— O Universo é feito de informação perdida?

Nesse momento ele balançava a cabeça, com firmeza, e enunciava o Primeiro Postulado de Avelar:

— *O Universo é tudo aquilo que Deus esqueceu.*

— Não me parece muito reconfortante... — Essa objeção eu havia feito durante nossa primeira conversa mais longa. — Na prática, é quase ateísmo.

— Ah, não, não. — Com o entusiasmo da exposição, a cabeça de Avelar ficava muito vermelha. — Existem os buracos negros. *Nada* escapa deles. *Nada*. Se você joga informação num buraco negro, não há energia dissipada. A informação apenas some. Deixa o Universo. A soma de todo o esquecimento diminui... Sabe o que isso significa?

E aí vinha o Segundo Postulado de Avelar:

— *Deus nos ama e quer se lembrar!*

A partir desses dois postulados, Avelar construía todo o Catecismo da Igreja Católica e a Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino. Os buracos negros não seriam os únicos mecanismos da lembrança divina. As revelações dos profetas, os milagres, a Virgem, a cruz e a ressurreição seriam, todas, singularidades, como os buracos negros — pontos do espaço-tempo em que as leis da física são suspensas ou, segundo Avelar, onde informação deixa o Universo.

Assim como a morte. Morte, a menos singular das singularidades:

— Por isso que é importante estar preparado na hora de morrer: em paz, confessado, ungido. Quando morremos, Deus finalmente se lembra de nós... E é melhor que cada um de nós apareça diante d'Ele como uma lembrança agradável.

De repente, percebi que não estava mais sozinho no velório.

Havia uma mulher ali comigo, mas mais ao fundo, na sombra do labirinto de caixas, evitando se aproximar. Não era a minha mulher — eu havia decidido deixá-la dormir em paz, dar a notícia apenas no dia seguinte. Pensei se não seria Rosana.

Avelar e Rosana formavam um casal alegre e divertido. Ela e minha mulher se davam bem, ainda que não fossem exatamente amigas íntimas, e chegamos a sair juntos algumas vezes, todos os quatro. Quando Avelar se afastou do catolicismo, Rosana o acompanhou.

A crise de fé foi provocada pela Radiação de Hawking — o fato, descoberto por Stephen Hawking, de que a antimatéria induz os buracos negros a irradiar energia, até que se vaporizem por completo. A confirmação experimental dessa radiação foi um golpe para a teologia avelariana.

A primeira reação de Avelar foi atribuir a criação da antimatéria ao demônio e a radiação a um esforço de Satanás para afastar o Universo de Deus. Mas a idéia de um demônio criador, vim a saber depois, é herética — a heresia de Maniqueu.

— Qual outra explicação? — perguntava ele.

— Bem, a sua teoria pode estar toda errada... Esse tipo de extrapolação que você faz é uma coisa complicada, sabe... — dizia eu, com cautela.

Ele balançava a cabeça. Era um homem convicto, um profeta. A conexão entre a Mente Divina e a teoria física da informação constituía seu único pedaço de madeira num mar turbulento. Era como o solo sob seus pés.

— Eu sei que ela não está errada. E, se não estiver, e as experiências sobre buracos negros também não estiverem, então...

Incapaz de duvidar de si mesmo ou das leis da física, Avelar foi, aos poucos, passando a duvidar da Igreja. Decidiu a estudar caminhos do zoroastrismo e, depois, do gnosticismo. Na última vez em que nos vimos, ele estava convencido de que a Radiação de Hawking era obra de um demiurgo maligno, operando no sentido de manter Deus alheio — adormecido.

Rosana havia se afastado, da Igreja e dos amigos, junto com ele. Por que eles teriam se separado? Eu estava quase convencido de que a mulher comigo na sala quatro era ela, e que talvez se sentisse constrangida com a minha presença. Assim, caminhei para longe do caixão, abrindo espaço para a mulher prestar suas últimas homenagens junto ao morto, se assim desejasse.

A mulher realmente deixou a sombra onde estava, mas não se dirigiu ao esquife. Veio, na verdade, em minha direção. Logo vi que não era Rosana: jovem demais. Não era exatamente bonita, mas havia uma intensidade em seus olhos — algo que nem as lágrimas conseguiam abafar — que a tornava atraente.

Ela perguntou quem eu era, e me identifiquei. Com o máximo da polidez, devolvi a pergunta.

— Meu nome é Míriam — disse-me. — Éramos casados.

Dei-lhe os pêsames, pensando em Rosana. O que teria acontecido com ela? Até hoje não sei. Trazendo meus pensamentos de volta ao momento presente, perguntei a que horas e onde seria o enterro.

— Já está sendo — disse-me ela. — Bem aqui.

— Esta sala é uma cripta? — perguntei. — Mas o cemitério...

— Precisamos sair. Eu lhe explico tudo lá fora.

Míriam fechou e trancou a porta da sala quatro assim que saímos. O ar na escada estava bem mais frio e fresco que dentro da sala — ou cripta? — e respirei fundo, aliviado. Fomos em seguida à cafeteria do velório, um balcão com uma máquina doméstica de expresso e um forno de pães de queijo. Aberto 24 horas.

Para uma viúva, Míriam parecia extremamente controlada. Assim que nos sentamos, foi direto ao assunto:

— Avelar me falou de você. Ele comentou que você estava a par das dificuldades da teoria dele em face da Radiação de Hawking.

As coisas estavam indo um pouco rápido demais, mas assenti.

— Bem, mais adiante ele encontrou outra dificuldade: a área do horizonte de eventos. Você sabe o que é um horizonte de eventos?

— A superfície que separa o buraco negro do restante do Universo...

— Isso. A área do horizonte de eventos aumenta de modo proporcional à informação absorvida. Entende? Informação cai no buraco negro, o horizonte se expande. Infla. Ou seja, de alguma maneira, a informação...

— ...continua no Universo — completei.

A dinâmica da conversa trazia de volta meus velhos instintos, afiados nas disputadas de anos atrás com Avelar.

— O demiurgo não só destrói as ferramentas do Senhor com antimatéria — disse Míriam, assentindo. — Ele as sabota, por dentro. A informação que cai no buraco negro não volta para Deus. Ela fica lá. O canal está...

— ...Entupido.

— Isso. Ou talvez... Apenas talvez... Afinal, como demiurgo poderia ter acesso ao interior de um buraco negro? Parece impossível. Então, talvez *Deus não nos ame, e não queira se lembrar*.

— Oh. — Isso foi tudo que consegui dizer, a princípio: "Oh." Nem mesmo um ponto de exclamação. Senti como se tivessem jogado uma toalha, encharcada, direto na minha cara. Depois de uma dezena de segundos, articulei: — Foi por isso que Avelar se matou? Desespero?

— Desespero? — O olhar de Míriam se perdeu por um instante. Ela era uma discípula convicta de Avelar, quanto a isso não havia dúvida, mas também era uma mulher que acabara de perder o marido. — Talvez, um pouco. Mas há mais nisso. Muito mais. As máquinas. As máquinas devem... Vão...

Senti um leve tremor no piso, não muito diferente do que abala a redação toda vez que a gráfica é ligada nos porões. Talvez por isso eu não tenha dado muita importância à vibração.

De repente, o ar ao nosso redor ficou muito quente, muito parado. Tive um princípio de tontura, um sono profundo, uma dificuldade em pensar. Senti o suor grudar nas costas da camisa. Ergui a xícara e o café tinha a mesma temperatura que minha língua.

Míriam apenas olhava direto adiante. Mesmo que houvesse algum plano mirabolante por trás de tudo aquilo (como eu começava a crer que havia), e mesmo que Míriam tivesse fé absoluta no que quer que estivesse acontecendo, ou prestes a acontecer, a tensão ameaçava dilacerá-la e a pressão, esmagá-la.

— Vamos — disse ela.

Retornamos à sala quatro, que Míriam destrancou. Lá dentro não havia nada. Apenas paredes nuas. Mais do que nuas: perfeitamente lisas. Polidas como espelhos, gerando reflexos infinitos uns dos outros. Nada de caixas ou caixões. Nada de Avelar.

Apenas espelhos refletindo espelhos em todas as direções.

— Será que ele furou o bloqueio? — perguntou Míriam para ninguém em particular, para o próprio reflexo. Então se voltou para mim: — Era por isso que ele queria você aqui. Para que você soubesse o que procurar. Ele me fez ligar para você antes de tomar o veneno... Porque queria que você estivesse aqui, visse e acreditasse. Ele disse que você saberia o que procurar!

A mulher estava quase histérica. Abracei-a o melhor que pude e a tirei dali, da sala, do velório. Na portaria, o guarda dormia.

No apartamento, minha mulher estava acordada. Acordada e preocupada. É fantástico que, ao me ver entrar com outra mulher nos braços, ela tenha se preocupado primeiro em perguntar se estávamos bem e se queríamos alguma coisa, um leite ou café.

A história de Míriam e Avelar saiu aos poucos, entremeada por soluços e períodos de estupor em que a viúva parecia dormir com os olhos abertos. O que vou apresentar aqui é um resumo, um esboço. Não faço a menor idéia, por exemplo, de como as máquinas funcionavam. Pois isso é o que eram as grandes caixas da sala quatro, máquinas e equipamentos criados por Avelar para, como disse Míriam, "radicalizar a própria morte".

— Fantasmas — disse ela. — O mundo está saturado de fantasmas. Avelar *provou* isso. Eu *vi*. Estava ao lado dele quando... — Aqui, o estupor se instala; dura quase meia hora. Depois: — Entende? Da mesma maneira que o horizonte de eventos cresce para manter a informação da matéria neste Universo, o véu, o lençol... Avelar chamava a barreira de *véu das almas*... mantém os fantasmas aqui. Estão todos aqui. Desde sempre. Desde...

Minha mulher e eu apenas trocamos olhares. Acho que sorri de leve, tenso. "Véu das almas"? Típicos de Avelar.

— As máquinas mudarão isso. Dissolver a informação... Reduzir a ruído térmico... Então, restaurar. Recombinar, comprimir, *enviar*. O que aconteceu na sala quatro foi uma singularidade espiritual, sem horizonte de eventos. Sem véu. Nua.

— Avelar disparou-se em direção a Deus? De corpo, alma, tudo?

— A alma era o principal. Por isso ele precisou morrer. Mas o resto... o resto...

No dia seguinte, já mais descansada, Míriam apenas pediu que eu me mantivesse atento. Que procurasse sinais de que Avelar tinha conseguido varar a barreira, retornar ao Criador. Depois, foi embora.

— O que você acha disso? — minha mulher perguntou depois, no almoço.

— Bem, eu vi a sala espelhada...

De tarde, fiz com que o editor de Cidades mandasse uma repórter ao velório. Não deixaram a moça entrar na sala quatro porque, segundo a direção, não existe sala quatro. E o que é aquela porta no pé da escada? Dispensa. Posso ir lá? Desculpe, estamos em reforma.

E foi isso.

Bom, não só. Embora seja difícil saber exatamente o que Avelar gostaria que eu monitorasse no noticiário internacional, tratei de manter os olhos abertos para o que fosse fora do comum. No início imaginei que, se Deus "acordasse", veríamos mais coisas como curas milagrosas, aparições da Virgem, tiranos impiedosos fulminados por raios e assim por diante. Não encontrei nada do tipo.

Há, porém, algo de novo no noticiário sobre astronomia. Apenas detalhes, aparecendo ainda somente nos canais especializados: estrelas, sumindo no limiar do Universo visível. As teorias mais aceitas falam em nuvens de pó que entram no caminho, entre a estrela e o telescópio, tornado a luz do astro invisível para nós aqui na Terra.

Mas essa poeira não vai embora, ao contrário de outras nuvens semelhantes. Ao contrário, adensa-se. Se é que é poeira. Talvez, imagino, graças a Avelar Deus tenha se lembrado e esteja chamando o Universo de volta para Sua mente. Ou talvez tenha apenas sido acordado de um longo sono, e esteja muito puto da vida com tudo isso.

Cedo ou tarde, saberemos.

NOSSO CAPISTA



Um mestre do desenho e da aerografia, Vagner Vargas fez capas para as coleções Zenith e Star Trek da Editora Aleph, durante a década de 1990. Recebeu um Prêmio Nova de Melhor Ilustrador em 1996, e foi o Ilustrador Convidado de Honra da V InteriorCon – Convenção de Ficção Científica do Interior de São Paulo, em 1997. Atualmente tem trabalhado com a ilustração de livros esotéricos. Seu *site*, repleto de artes e animações, está em www.vagnervargas.art.br.

NEGRE LARANJA

EXCERTO DO DIÁRIO DO DUQUE DE CASTELPOLO

IVAN CARLOS REGINA

Um dos sócios fundadores do CLFC, Ivan Carlos Regina tem sido um dos colaboradores mais presentes nas páginas do Somnium ao longo dos anos, tendo lançado em suas páginas o polêmico "Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira" em 1988. Seu primeiro livro de contos – muitos deles primeiro publicados aqui – foi lançado em 1993 pelas Edições GRD, O Fruto Maduro da Civilização. O autor, que é também apreciador de vinhos, tem dois títulos a serem lançados em breve, mas fora do campo da FC. Ele volta às nossas páginas com o que parece ser um inédito em sua produção – um conto de fantasia.



Naquele dia eu havia saído com o meu mestre vinhaiteiro para verificar o estado de maturação de uma parcela das uvas, na encosta noroeste do castelo.

Estávamos no meio do outono e as uvas brancas já davam sinais que podiam ser colhidas. Subimos pelo aclave, ele na frente, com o dosímetro na mão esquerda e a picar bagos à esquerda e à direita, indistintamente.

Defronte da pequena capela da Madona, sentamos para degustar um tinto velho adredemente separado da reserva da adega, com uma côdea de pão de cevada e uma meia perna de cabrito fria, quando ouvimos subitamente gritos.

Dali a instantes um menino, filho do Giacomo, veio a correr por entre as alamedas estivais, gritando:

– Senhor, Senhor!

Atendi rapidamente, pois intui que algo grave havia acontecido. O jovenzinho, quase com o fôlego perdido, esqueceu as regras da educação e despejou:

– O Picollo Circo D’Aragoni está nos cercando. Já estão rodeando o fosso do Castelo.

Abalamos carreira abaixo, entrei pela pátio norte e ordenei o imediato fechamento das outras três portas exteriores do Castelo. Assim foi feito, com as pontes levadiças levantadas e a posição de defesa rapidamente assumida. Eu particularmente sabia que era uma estratégia perdida, mas era a única que havia.

Logo depois os três dragões malhados de negro e laranja do Circo sobrevoam-nos majestosamente. Escolheram cuidadosamente uma vaca de raça no interior do muro do castelo e queimaram-na viva, com as grandes labaredas ígneas que exalavam de suas bocarras monstruosas.

Não havia outra saída, tínhamos que capitular, que muros não foram feitos para barrar bestas daquelas mas simplesmente soldados humanos.

Ninguém sabia onde o Circo os havia adquirido. Especulava-se que eram fruto de magia negra ou que teriam vindo de um planeta oculto na órbita solar. O fato é que existiam e constituíam uma mortífera arma de guerra.

Mandei içar a bandeira branca. Cerca de meia hora depois, na entrada principal, recebi a comitiva de negociação.

Para minha surpresa, o velho Mazarin, aquele bufão, não estava presente.

Uma linda jovem, com um corpete de seda cor de vinho e tetinhas saltitantes, foi quem veio negociar. Acreditei ser a filha do dono do Circo.

Como é típico das mulheres, principalmente as mais inexperientes, foi direta ao assunto: 500 moedas de ouro ou invadia o castelo, queimando e destruindo nossos estoques e nossas colheitas que verdejavam no exterior.

Pensando nas minhas uvas, em especial no talão de Sangiovese, que este ano estavam esplêndidas, pedi clemência, elogiei-a, tratei-a de Divina Alteza e ofereci-lhe 200 moedas.

A menina olhou-me com seus grandes olhos negros e cruzou os joelhos, pelo que deduzi que o acordo era próximo. Não sem alguns regateios e mais bajulamentos, fechamos em 300 patacas douradas.

Ordenei a meu tesoureiro que pagasse. Ele, cofiando seu bigode e arrumando uma madeixa nojenta de cabelo engomado, olhou descaradamente para as ancas da invasora, enquanto contava e armazenava as moedas de ouro num velho saco de veludo anil. Entregou à jovem dama o botim com uma mesura exagerada. Ela acenou, com um gesto gracioso que revelou uma nesga branca de seu pescoço juvenil, e retirou-se, seguida por seu séquito de soldados, trapezistas, arlequins, enfim, gente estranha que nunca empunhou uma enxada ou um formão.

Fui à ameia superior. Pouco tempo depois compreendi que realmente o velho Mazarin não estava presente. Os

três dragões estavam alinhados ao redor do poço principal, ao abrigo do sol, lá embaixo, num erro embaraçoso.

Joguei três pedaços de carne com vidro moído em seu interior para as feras famintas. Abocanharam no ar. Chamei meu chefe de armas.

Preparamos o contra-ataque.

Quando as bestas puseram um fio de espuma branca pelas ventas, ordenei o início das escaramuças. As tropas do Circo descansavam, foram pegas de surpresa, Matamos a maior parte delas e prendemos os soldados restantes.

Dei graças à Virgem de Castelpolo e à minha idade, rezando num pequeno altar de veludo laranja que tenho em meu quarto.

Ana Mazarin foi trazida à minha presença numa jaula, seminua, pois estava no banho. A chave da gaiola guardei cuidadosamente no bolso esquerdo, que é o lado do coração.

Mandei um emissário localizar o seu pai, e negociar o resgate. Ela vale mais de quinhentos, mas mandei deixar por trezentas moedas de ouro, principalmente depois de alguns pequenos estragos que ela vai sofrer aqui comigo.

Ela olha-me com seus grandes cílios pretos, indignada com a traição, e eu consolo-a:

— Nunca negocie com alguém como eu, que ama mais suas terras do que sua palavra.



O FIM DO PROJETO ANO-LUZ

Faz parte do estatuto do Clube de Leitores de Ficção Científica promover a divulgação e a promoção da ficção científica no Brasil. Isso faz com que o Clube naturalmente apoie iniciativas de outros, nesse sentido. E é com pesar que o CLFC lamenta aqui o encerramento do projeto Ano-Luz, uma editora em regime de cooperativa que publicou cinco livros em sua existência, descobriu autores e novos temas para a nossa FC. Sua ausência será sentida, ao mesmo tempo em que prestamos tributo ao que foi realizado. Lembramos ainda que a maioria dos sócios era composta de membros do CLFC.

Abaixo segue mensagem divulgada pelos sócios da Ano-Luz, em :

Quando surgiu, em meio ao clima de otimismo econômico e da euforia do dólar barato do início da segunda metade dos anos 90, a idéia viria a se concretizar na Editora Ano-Luz tinha como objetivo relançar no Brasil a *Isaac Asimov Magazine*, valendo-se do câmbio favorável e da experiência acumulada pela Editora Record.

Com esse objetivo, a Ano-Luz (inicialmente, o projeto PECAS—Pequenas Editoras, Crie A Sua) adquiriu os direitos e lançou no Brasil a tradução de *Tropas Estelares*, de Robert Heinlein, a fim de capitalizar-se para vôos mais altos. Problemas com a distribuidora, no entanto, impediram que essa etapa de capitalização cumprisse seu pleno potencial.

A partir de então, a Ano-Luz se concentrou numa estratégia de guerrilha, lançando a coleção Terra Incognita e uma série de antologias temáticas — sobre futebol, história do Brasil, sexo, e dando guarida ao primeiro volume de contos do Projeto Intempol — que, embora tenham apresentado ao público novos temas (como a Intempol) e autores

(como Roberval Barcellos, dentre outros) deixou bem claro que a luta por espaço na mídia, por distribuição profissional e pelo necessário retorno financeiro demandaria um envolvimento integral e um esforço empresarial que nenhum dos sócios, por questões de vocação, temperamento, e por outros compromissos, profissionais e pessoais, tinha condição de assumir plenamente.

Depois de sete anos e uma transformação societária, os atuais sócios entendem que a editora não pode mais esperar — e que nenhum de nós pode dar à empresa a dedicação de que ela precisa para deixar de ser um selo esporádico para iniciativas pessoais, por mais meritórias, mas sem perspectiva de sustentabilidade ou lucro.

Assim sendo, os sócios Gerson Lodi-Ribeiro, Octavio Aragão, Marcello Simão Branco e Carlos Orsi Martinho declaram encerradas as atividades da editora. Cada um de nós continuará — sozinho ou em parceria, de acordo com as circunstâncias — a trabalhar pela qualidade e divulgação da arte fantástica em geral no Brasil, e da arte fantástica brasileira no mundo.

Neste momento, porém, deixamos de nos responsabilizar por um canal específico para esse fim, a Editora Ano-Luz.

Os títulos lançados pela Editora continuarão sendo vendidos normalmente, quer nas livrarias, quer pessoalmente ou através de remessa postal, enquanto durassem nossos estoques, nos seguintes endereços de contato:

- 1) anoluz@unisys.com.br, ou
- 2) Caixa Postal # 34071
Agência Jardim Botânico
Rio de Janeiro — RJ
22462-970.

ETHERPOL

MAURÍCIO SOARES BUGARIN

Aqui temos uma estréia em nossas páginas, com um exercício de extrapolação criado a partir de uma idéia realmente original. Seu autor, Maurício Bugarin, vive e trabalha em Brasília. Ele mesmo se apresenta: Tenho graduação (Universidade de Brasília-UnB), especialização (Universidade de Tsukuba, Japão) e mestrado (UnB) em matemática e M.Sc. e Ph.D. (Universidade de Illinois, EUA) em economia. Sou Professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, e tenho me interessado pela análise do comportamento estratégico (teoria dos jogos) e suas diversas aplicações, especialmente na economia do setor público. Fui co-organizador do First Brazilian Workshop of the Game Theory Society, em 2002, e tenho realizado pesquisas envolvendo a teoria das eleições e ciclos econômicos, o papel dos grupos de pressão e do financiamento eleitoral nas decisões políticas, a economia da saúde, o federalismo fiscal brasileiro, o processo orçamentário, as relações de negociação entre os diversos poderes públicos, o comportamento estratégico na condução da política monetária, e o controle social, dentre outros temas relevantes para o país. Desde a conclusão de meu doutorado, em dezembro de 1997, fui várias vezes agraciado com o Prêmio Tesouro Nacional e, em dezembro de 2002, recebi da ANPEC (Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia) o Prêmio Haralambos Simeonidis pelo melhor artigo de pesquisa do ano em economia. Informações complementares sobre as minhas pesquisas podem ser obtidas na página do departamento de Economia da UnB: <http://www.unb.br/ih/eco/ecosum.htm>.



Tomás está confuso. À sua frente, *Monna Lisa*, uma das obras mais admiradas de toda a história da arte. Apesar do imenso teto de vidro da Salle des États, apenas as luzes artificiais iluminam o ambiente. É noite em Paris, e o Museu do Louvre já fechou para o público de corpo presente. No entanto, a imensa sala está lotada de corpos etéreos, como o seu e dos demais alunos da Escola das Nações.

Tommy, como é chamado pelos amigos, cuida-se para não esbarrar em nenhum corpo etéreo, pois, segundo o professor, o encontro dos dois focos de energia causa a volta imediata ao corpo físico, seguida de grande desconforto muscular.

Esta é a primeira viagem etérea que Tommy faz fora de Brasília. Para esta viagem de apenas uma hora, o professor Alencar, aficionado por arte, resolvera levá-los a três lugares. Primeiro foram à Cappella Sistina, no Vaticano, estudar de perto — bem de perto mesmo, pois seus corpos etéreos levitavam — o teto pintado por Michelangelo. Tomás ficou impressionado com a riqueza dos detalhes e o uso das cores. Depois foram ao Museu de la Reina Sofía, em Madrid, onde o aluno ficou chocado com a dor expressa por Picasso em Guernica. Finalmente, foram ao Musée du Louvre admirar la Gioconda de da Vinci.

O que causa estranheza ao adolescente são as pequenas proporções da obra. O quadro é bem menor do que

ele esperava. Além disso, as paredes e o vidro que o protegem fazem com que as cores pareçam muito apagadas. Estará isso associado à visão etérea? Essa impressão de obscuridade certamente contrasta com a luminosidade branco-azulada dos etéreos e a luminosidade branco-avermelhada dos “ruivos”, como são chamados aqueles seres enigmáticos que estão por toda parte.

O relógio da parede marca 21:20, 30 de janeiro de 2030, o que corresponde a 17:20 em Brasília.

— Bem, pessoal, está na hora de voltarmos para casa — diz o Professor Alencar, telepaticamente. — Por favor, sigam-me, tomando cuidado para não se chocarem.

Tomás interrompe sua cadeia de pensamento, e junta-se aos demais alunos, na jornada de volta a Brasília. Ao se aproximar do teto da grande sala, desvia o olhar para um grupo de ruivos, quando, de repente, um deles parece disparar em sua direção. O rapaz acelera seu movimento na direção do professor, assustado, mas logo percebe que o ser vermelho deixara de persegui-lo. “Estranho...”, pensa.

⊙
Naquele ano de 2030, a viagem astral havia sido completamente incorporada ao cotidiano das pessoas. Até finais da primeira década do século, o desdobramento astral era privilégio de poucos, em geral iniciados nas práticas de meditação dos monges tibetanos. No entanto, no decorrer da década seguinte, a pesquisadora Raquel Weiss e sua equipe, do Instituto de

Psicologia da Universidade de Harvard, foram progressivamente descobrindo que o espírito de qualquer pessoa poderia se separar de seu corpo e, uma vez fora dele, dirigir-se a qualquer lugar que desejasse, atravessando qualquer obstáculo material que se interpusesse em seu caminho. Bastava, para tanto, treinamento físico e psicológico adequado. Em homenagem aos cientistas do século XVIII, a doutora Raquel deu o nome de "corpo etéreo" ao espírito, quando separado do corpo físico. Posteriormente, as pessoas passaram a denominá-lo simplesmente de "etéreo".

Uma vez elucidados os mecanismos da projeção astral, abriu-se para a humanidade um novo e maravilhoso universo a ser explorado. A primeira grande aventura nessa dimensão foi o turismo astral. Em vez de pagar caríssimo e enfrentar longas horas de viagem para se chegar a um lugar que se queria conhecer, as pessoas se organizavam em grupos de espíritos que, num dia visitavam as Cataratas do Iguaçu, no dia seguinte Niagara Falls, e Lake Victoria no terceiro dia. Tudo isso sem custo de transporte e com o corpo físico permanecendo no conforto de uma cama.

Rapidamente surgiram inúmeras aplicações comerciais dos etéreos. Os grupos de viagem se transformaram em agências de viagem etérea, com guias etéreos altamente especializados. O setor se segmentou nas diversas áreas de interesse do consumidor, havia o turismo etéreo ecológico, o de aventura, o geográfico, o artístico, e até mesmo o pornográfico...

As empresas passaram a estimular ainda mais o trabalho em casa. Todas as informações básicas eram trocadas pela Internet e, quando uma reunião "presencial" se fazia necessária, os etéreos de todos os interessados se encontravam na sede da empresa.

O ensino público também foi revolucionado, com o advento das escolas etéreas. A partir da conclusão do ensino fundamental, os alunos passavam a se encontrar com seus professores majoritariamente na forma etérea. No entanto, as crianças somente eram treinadas nas técnicas de projeção no último ano da escola presencial, de forma a protegê-las das situações traumatizantes que certamente presenciariam, uma vez dominado o deslocamento etéreo.

Os benefícios da nova técnica para o bem-estar social foram imensos. Os congestionamentos urbanos deixaram de existir, a poluição causada pelos veículos de transporte foi drasticamente reduzida, e as pessoas passaram a dispor de mais tempo para o lazer. Tempo esse, comumente passado nas academias de ginástica para queimar as gorduras adquiridas com o novo estilo de vida que requeria longo período... de cama!

A viagem de volta à Escola das Nações dura pouco mais de três minutos. A velocidade normal de "vôo" de um etéreo dependia do meio em que se locomovia. No espaço sideral podia atingir até 5 mil quilômetros por segundo. Já na atmosfera terrestre essa velocidade era reduzida para 100 km por segundo. No mar, para 50 km por segundo e em meio sólido para apenas 10 km por segundo.

Ao chegar, o professor orienta os alunos no delicado processo de reassociação com o corpo físico. Tommy tenta seguir à risca as orientações. Primeiro deita-se, de costas, sobre seu próprio corpo adormecido. Depois, se concentra para recuperar o controle sobre seus músculos, praticamente um a um. O processo todo dura cerca de vinte minutos.

São os vinte minutos mais longos de seus 14 anos de vida! Tomás está exultante com a experiência e não vê a hora de chegar em casa e contar tudo ao seu pai. É difícil concentrar-se. Quando finalmente conclui o processo e levanta-se, sente um certo desconforto nos músculos da perna. Incômodo pequeno, se comparado com a vontade que tem de correr e conversar com Timothy, seu melhor amigo, e que também participou da viagem!

O policial etéreo André Ribeiro chega à escola às 18:00 em ponto. Seu filho Tomás pula no carro.

— Pai, foi fantástico! Fomos à Itália, depois à Espanha e ainda fomos à França! — diz rapaz, enquanto o carro parte em direção à casa.

— Que bom, filho. Tudo ocorreu sem incidentes?

— É, praticamente. A única coisa estranha foi um dos ruivos que me assustou.

— Hum... O que ele fez, filho?

— De repente, ele disparou na minha direção. Acho que ele também 'tava tentando me dizer alguma coisa, só que não entendi. Mas ele desistiu logo e me deixou em paz. Pai, o que são exatamente esses seres vermelhos?

— Ninguém sabe ao certo, filho. Eles sempre estiveram aí, desde que nós, humanos, começamos a nos aventurar no mundo astral. Parece que não estão ligados a nenhum ser físico. Acharmos que vivem sempre em estado etéreo. Eles nos deixaram tranquilos, sempre evitando nossas tentativas de comunicação. O que é estranho é que nas últimas semanas eles parecem ter mudado e estão começando a importunar os etéreos. Já houve vários casos reportados de ataques como o seu. Em algumas situações, os ruivos conseguiram tocar nos etéreos, forçando-os a voltar para seus corpos físicos, com todos os desconfortos que uma volta desse tipo ocasiona. Filho, agora que você está entrando no mundo etéreo, preste bem atenção: tome cuidado com os ruivos até que descobramos o que está acontecendo, ok?

— De boa pai, preocupa não.

Chegam rapidamente em casa. Helena, o computador que controla as tarefas domésticas, abre o portão eletrônico e toma o controle do carro, estacionando-o.

— Boa tarde, doutor André. Boa tarde Tomás — diz Helena, com sua voz impecavelmente suave. — O que desejam para jantar?

— Uma lasanha à bolonhesa — pede o pai.

— Um hambúrguer duplo com queijo — pede Tommy.

— Filho, coloca pelo menos alface e tomate...

– Tá bom... Alface e tomate no hambúrguer, Helena.
– O jantar será servido em dez minutos – diz Helena.

Após os primeiros experimentos controlados com o corpo etéreo, a equipe da Doutora Weiss constatou que tudo que era observado e ouvido pelo corpo etéreo era transmitido para o cérebro da pessoa, em seu corpo físico. A partir dessa constatação, uma equipe de pesquisadores do Beckman Institute da Universidade de Illinois desenvolveu aparelhos que transformavam essa informação, recebida pelo cérebro em forma de ondas eletromagnéticas, em imagens digitais e sons. As ethercams consistiam de sensores eletromagnéticos colocados no cérebro de uma pessoa, semelhantes àqueles usados para os exames de eletroencefalograma, acoplados a um aparelho de gravação de DVD e uma tela de plasma.

A invenção das ethercams trouxe consigo mudanças radicais para a sociedade. Surgiram, por exemplo, os jornalistas etéreos, que se especializavam em captar imagens e sons do mundo etéreo para serem transmitidos pela televisão. Surgiram também os policiais etéreos ou etherpols, como passaram a ser chamados a partir de sua denominação em inglês, etereal policemen. Os etéreos desses policiais patrulhavam a cidade, especialmente as regiões mais perigosas, tendo seus corpos devidamente acoplados às ethercams. Quando alguma atividade suspeita era detectada, os policiais regulares eram imediatamente acionados. As patrulhas etéreas reduziram drasticamente as estatísticas da criminalidade, além de diminuir os riscos e os custos da atividade policial.

Se o mundo etéreo trouxe novas oportunidades à polícia, também trouxe novas preocupações. De fato, como qualquer etéreo podia deslocar-se livremente, a espionagem, industrial e política, tornara-se quase impossível de ser controlada. Espiões etéreos podiam entrar em um laboratório no qual desenvolvia-se uma fórmula para um novo medicamento, por exemplo, gravar essa fórmula por intermédio de uma ethercam, e depois vendê-la a um laboratório concorrente. Semelhante risco ocorria nas reuniões nas quais eram tomadas decisões políticas e econômicas importantes.

Para lidar com esse novo desafio, policiais etéreos eram treinados por anos a fio para agüentarem o choque com outros etéreos sem voltar para seus corpos físicos. Somente uma minoria de etherpols conseguia atingir esse nível de controle etéreo. Então, quando um local ensinava proteção, formavam uma barreira energética ao seu redor e rejeçavam qualquer etéreo que tentasse penetrá-la, chocando-se contra o invasor, e enviando-o, assim, de volta ao corpo físico. O salão oval da Casa Branca, por exemplo, encontrava-se 24 horas sob essa proteção.

André e Tomás estão terminando de jantar. O filho falara todo o tempo sobre suas experiências extracorporais. Quando crescesse, queria ser um etherpol, como o pai. Mas o pai permanecera calado, com um semblante preocupado.

– Pai, por que você está tão preocupado?

– É a missa desta noite, filho.
– Que missa, pai?
– A Missa Papal, lembra? O Vaticano está organizando uma missa pela paz no mundo, aqui em Brasília. Vai ser um evento totalmente etéreo, pois o Papa está doente e não pode se locomover fisicamente. Mas seu espírito virá e por isso estamos esperando muitos etéreos. Estou preocupado com o controle de tanta gente!
– Preocupa não, pai, tenho certeza que vai dar tudo certo!

O etherpol se levanta da mesa e diz:
– Tommy, eu vou andando. Tenho que organizar a proteção do Papa.
– Você vai estar na esfera de proteção, pai?
– Vou sim, filho.
– Massa, pai!
– Tchau, filho, não fica acordado até tarde, ok?
– Tchau pai, pode deixar.
Tomás, realmente, não tem nenhuma intenção de ficar acordado até tarde...

“O Congresso americano iniciará às 14 horas do dia 21 de fevereiro a sessão para decidir sobre o projeto bilionário de construção de campos energéticos de proteção etérea da empresa EtherSafe.”

Após a saída do pai, Tommy entra na rede mundial de computadores para se informar sobre as opções de viagem astral para esta noite. A reprodução dos *Coquelicots* de Monet de 2x1 metros que enfeitava uma parede da sala se transforma em uma imensa tela de computador.

– Helena, busque os eventos importantes para as próximas vinte e quatro horas, por favor.
Começaram a surgir algumas informações e imagens na grande tela.

“Primeiras imagens etéreas de Netuno.”

“A equipe internacional de astronautas etéreos chegou a Netuno e está explorando o planeta. As primeiras imagens de suas ethercams indicam a existência de corpos etéreos na atmosfera do planeta. As imagens estarão disponíveis a partir das 22 horas.”

– Esse não interessa. Próximo.

“Rock in Rio 2030.”

“Enquanto o Rio de Janeiro se prepara para o Carnaval, os roqueiros do mundo inteiro estarão se apresentando nos cinco dias do Rock in Rio, que começa hoje às 22 horas. Espera-se a presença de 800 mil pessoas e dois milhões de etéreos neste dia de abertura.

– Esse é interessante. Mostre-me o próximo.

“Campos de proteção energéticos: Votação no Congresso americano.”

“O Congresso americano iniciará às 14 horas do dia 21 de fevereiro a sessão para decidir sobre o projeto bi-

lionário de construção de campos energéticos de proteção etérea da empresa EtherSafe.”

— Opa, EtherSafe é a empresa da minha mãe! Helena, pega mais informações sobre esse projeto e resume para mim, tá?

Após alguns segundos de pausa, Helena inicia, com sua voz suave e segura:

— Até recentemente a EtherSafe era uma empresa de segurança etereal que oferecia etéreos altamente treinados para garantir a inviolabilidade de espaços reservados de grandes empresas.

Enquanto Helena fala, imagens da companhia aparecem na tela.

— Assim como os etherpols?

— Correto. Só que eles protegem empresas privadas enquanto os etherpols protegem os interesses públicos. O mercado de empresas de segurança etereal é bastante competitivo, com várias empresas de renome na praça como a EtherGuard e a SafetyNet, entre outras. Recentemente, a EtherSafe patenteou um novo equipamento que gera energia em volta de um espaço, como uma sala, impedindo que etéreos entrem ou saiam desse ambiente. Essa nova tecnologia substitui os seguranças etéreos, mas o custo é extremamente elevado devido à quantidade de energia consumida. O governo americano encaminhou ao Congresso um projeto de lei para instalação dessa proteção nos principais centros administrativos do país. Esse é o projeto que será votado amanhã.

— Um projeto assim já ganhou, não é Helena?

— Não de acordo com as pesquisas de opinião dos congressistas. Parece que o projeto é extremamente caro e os parlamentares acham-no desnecessário.

— Entendo. Mais alguma coisa sobre esse projeto?

— Apenas a informação de que a EtherSafe investiu um grande volume de recursos no desenvolvimento dessa tecnologia, e encontra-se em dificuldade financeira.

— Puts, espero que não vá sobrar para a mamãe... O que mais tem para ver?

“Papa celebra missa pela paz em Brasília.”

“Sua santidade o Papa João Paulo VI, em sua forma etérea, celebra missa pela paz no mundo esta noite, a partir das 23 horas, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A EtherPol International, empresa que congrega os policiais etéreos de todo o mundo, e que está encarregada da segurança do Papa, estima que aproximadamente três milhões de etéreos participarão da cerimônia.”

— É isso! Por favor, Helena, me liga com o Timothy.

A imagem de Tim aparece na grande tela. Os amigos combinam a escapada para as 23 horas.

Tomás deita-se na cama às 22:30, pedindo ao computador:

— Helena, por favor mantenha este quarto sob isolamento térmico e sonoro até eu chamá-la novamente.

Não devo ser interrompido sob nenhum pretexto até eu lhe avisar.

— Sim, Tomás.

É a primeira vez que Tomás se aventura sozinho no universo etereal. Ele está nervoso, mas já fora bem treinado na escola. Tudo se passa bem e em vinte minutos encontra-se flutuando sobre seu próprio corpo. Vira-se e vê o etéreo de Timothy.

— Oi, cara. Você demorou, então resolvi vir logo. — diz Tim, por telepatia. Toda a comunicação era feita por telepatia no universo astral.

— Valeu. ‘bora pra Esplanada!

Os etéreos se movem verticalmente, atravessando a laje e o telhado da casa, até chegar à altura de quinze metros. Depois disparam em direção aos ministérios. Tomás nunca vira semelhante concentração de etéreos. São milhares deles que, na escuridão da noite, apresentam um suave brilho branco-azulado, como se a Esplanada tivesse sido toda preenchida com pequenas luzes. Ao centro, na altura da catedral, paira no ar uma imensa bola de energia azulada de vinte metros de diâmetro.

— Meu pai é um desses etherpols que estão formando o campo protetor. Não é demais? — pergunta Tommy.

— É muito massa, meu! E meu pai deve estar com os jornalistas etéreos por aí!

São 23 horas. Subitamente surge no horizonte uma bola de energia menor, que caminha em direção à maior.

— Deve ser o Papa!

A bola de energia maior se abre para a entrada da bola menor. Então a bola menor se desfaz, deixando livre um luminoso etéreo.

— Caraca, véio, saca só o etéreo do Papa! Lembra como seu corpo é fraquinho? Pergunta Tim, admirado.

Os amigos começam a ouvir a mensagem telepática do Papa. Trata-se de uma oração pela paz no mundo. Em seguida, o Papa pede que todos juntos rezem um Pai Nosso. Começa a oração. Tomás vê pequenos focos de energia se desprenderem de cada etéreo e irem subindo em direção às nuvens.

— Saca só essa luz toda subindo. Parecem fogos de artifício! Legal! — diz Tommy.

Ao virar-se para Tim, Tomás recebe a mensagem:

— Tommy, vamos logo que não quero trombar com meu pai por aí!

— Tem razão, eu também não quero trombar com o meu...

— Vamos sobrevoar a cidade!

Os dois se dirigem para a Asa Norte, voando por cima dos prédios. Ao passar pelo Setor de Autarquias, Timothy percebe um helicóptero no heliporto do prédio da EtherSafe.

— Ai, não é a empresa da sua mãe? Vamos bisbilhotar?

— É, mas a mamãe trabalha na matriz, em Washington. Vamos ver o que tem lá, só que com cuidado: deve ter muitos seguranças etéreos por lá.

Os dois entram no prédio por um andar totalmente escuro.

— Aqui não tem ninguém — diz Tommy, mentalmente.

Os amigos percorrem algumas salas vazias, sem nenhum interesse. Quando já estão dispostos a deixar o lugar, vêem a leve luminosidade de um etéreo no final do corredor, na altura em que este faz uma curva de noventa graus.

— Deve ser um etéreo prestes a entrar neste corredor. Rápido!

Os dois atravessam uma parede. Por hora, estão protegidos. Entraram em uma sala escura, mas os jovens percebem um grande armário, um monitor de vídeo, e alguns móveis de escritório. De repente as luzes se ascendem.

— Rápido, vamos nos esconder.

Os amigos tentam atravessar a parede, mas percebem um campo de força que os impede de continuar. “O campo de proteção das notícias!”, pensa Tommy. Sem ter para onde ir, se escondem no armário.

Do lado de fora, dois homens ligam o equipamento visual e observam atentamente o desenrolar da missa. A multidão de etéreos reza calmamente, produzindo aquelas milhares de pequenas luzes. Lentamente observa-se ao fundo uma aglomeração de ruivos. A aglomeração se torna mais densa a cada segundo, até constituir uma massa de energia avermelhada. Os etéreos interrompem as orações. A massa toma a forma de uma elipse, que se movimenta a alta velocidade na direção do Papa. Tudo acontece quase instantaneamente. A elipse vermelha choca-se com a esfera azul. Centenas de etherpols e de ruivos são projetados em todas as direções, chocando-se com outros etéreos, causando novos choques e novas projeções em cadeia. Em poucos segundos a confusão é total. A elipse atinge o Papa. As últimas imagens mostram o etéreo do Papa com uma luminosidade reduzida, bem distinta daquela que tinha ao chegar, movendo-se lentamente em direção ao leste.

Os dois homens desligam o equipamento e abrem uma garrafa de champanhe. Tomás e Timothy, encerrados no armário, não vêem nada disso. Mas ouvem o brinde:

— *Excellent John! Exactly as planned! Cheers!* — diz um deles.

— *Congratulations to you, Hiro! Cheers!* — diz o outro.

Os dois homens já estão saindo da sala, quando Tom ouve a seguinte mensagem telepática:

— Estou captando o pensamento de alguém. Tem algum etéreo por aqui.

Eles foram detectados.

— Tim, vamos embora rápido!

Os dois tentam atravessar novamente a parede. Desta vez passam sem problemas: o campo havia sido desligado! Mas são perseguidos por um pelotão de etéreos.

— Vamos nos separar! — grita Tim.

“Tomás mistura-se aos milhares de etéreos que se amontoam para participar do Rock in Rio. O jovem concentra-se exclusivamente nas apresentações das bandas, para que os seguranças não consigam identificá-lo telepaticamente.”

Cada um dos jovens voa em uma direção, seguidos por pelo menos cinco etéreos. “O que fazer?”, pensa Tommy. Seu primeiro impulso é voltar correndo para casa, para seu corpo físico. “Mas esses etéreos saberão quem eu sou e onde moro. E são vinte minutos até eu conseguir me mexer. Muito arriscado.” Então Tomás se lembra do concerto de rock. “É isso!”, pensa, disparando para o Rio de Janeiro.

Os etéreos o seguem durante todo o percurso que dura menos de vinte segundos. Mas não conseguem alcançá-lo. Finalmente, Tomás mistura-se aos milhares de etéreos que se amontoam para participar do Rock in Rio. O jovem concentra-se exclusivamente nas apresentações das bandas, para que os seguranças não consigam identificá-lo telepaticamente. Sua estratégia funciona.

São quatro horas da manhã quando o show termina e os etéreos começam a se dispersar em todas as direções. Tomás junta-se a um grande grupo que voa de volta a Brasília. Durante todo o caminho, só se fala da banda Red Devil.

Ao chegar em casa, Tomás entra em seu corpo e inicia o processo de tomada de controle dos músculos. Ele está muito apressado, e começa a odiar essa fase da projeção astral. Quando finalmente pode mover-se, sai de casa e pega um táxi para a sede da EtherPol Internacional.

Tomás aproveita o trajeto para ler as notícias no computador de bordo do táxi.

Aprende sobre o ataque dos ruivos, durante a Missa Papal, e suas conseqüências. Muitos etéreos tiveram fortes efeitos colaterais sobre o corpo físico, devido ao brutal choque energético. Algumas pessoas ficaram imobilizadas por horas, outras entraram em estado de coma. Outras ainda, de maior idade, não resistiram ao choque e morreram. O Papa João Paulo VI falecera no momento em que seu etéreo voltava ao corpo. As escolas suspenderam as aulas etéreas. A EtherPol Internacional recomendava evitar viagens astrais. O Vaticano exigia uma explicação para o ocorrido. O Parlamento Mundial marcara uma reunião extraordinária para decidir como lidar com a ameaça etérea. O presidente americano pedira ao Congresso autorização para aquisição imediata de oiten-

ta e cinco campos de proteção energéticos, ao custo total de 12 bilhões de dólares. O presidente brasileiro decretara a constituição de uma comissão de notáveis para, no prazo de 30 dias, analisar a situação e propor políticas de governo.

Tomás chega à EtherPol muito preocupado com o pai. O edifício parece uma zona de guerra. Dezenas de ambulâncias levam médicos para o hospital improvisado na sala em que os etherpols deixaram seus corpos antes de partir em viagem astral.

— Onde está meu pai? — pergunta Tomás ao policial Rezende, o primeiro amigo de André que encontra.

— Escuta filho, muita gente ficou machucada com os choques que ocorreram ontem. Nenhum etherpol morreu, mas o Ribeiro está em coma. Olha, você precisa ser forte. Muitos de nossos etherpols já saíram do coma. Tenho certeza que seu pai também sairá dessa.

Os olhos de Tomás se enchem de lágrimas.

— Rezende, eu quero ajudar na investigação.

— Como assim, filho?

— Eu estava lá na EtherSafe, ontem, e tenho uma pista.

Rezende aproxima-se de Tomás e diz baixinho:

— Vamos até minha sala para você me explicar tudo direitinho, tá?

Nesse momento, Tomás vê o pai de Timothy sentado numa cadeira, chorando desconsoladamente.

— Tio Eduardo, o que houve? Tim está bem? — pergunta Tomás, correndo em sua direção.

— Ah, Tommy, que bom que você está bem! Eu estava muito preocupado. Aconteceu uma coisa horrível com o Timothy.

— O que foi, diga logo!

— Ontem à noite minha casa foi invadida por marginais pouco depois do choque na missa. Timothy estava sozinho lá. Eles não lhe deram nem tempo de se levantar da cama. Atiraram nele ali mesmo.

Tomás não consegue acreditar no que está ouvindo.

— Não pode ser, Tio. Diga que não é verdade, por favor, diga que ele está vivo!

Em resposta, o menino recebe apenas o silêncio e o choro de Eduardo. Um enorme sentimento de culpa invade sua mente. Se eles não tivessem escapado, Tim ainda estaria vivo!

Tomás corre para a sala do Rezende. Entra soluçando.

— Eles mataram o Tim, eu tenho certeza, Rezende, você precisa prendê-los! — diz, aos prantos.

— Calma, filho. Senta aqui e me conta o que você viu — diz Rezende, fechando um documento que estivera lendo, e colocando-o ao lado em sua mesa.

Tomás pode ver o título do documento: "Proposta de compra de equipamento de proteção. EtherSafe, Inc." Seu susto é imenso. Tomás pula para atrás.

— O que foi filho? — pergunta Rezende, olhando para Tomás e, em seguida, para o documento sobre a mesa.

Seus olhos gelam. Tomás diz:

— Eu já vou lhe contar tudo, Rezende. Mas antes preciso lavar meu rosto. Onde fica o banheiro?

— É no final de corredor, à direita, filho.

— Eu já volto, tá? — diz Tomás, já saindo da sala.

Tommy apressa o passo para chegar ao final do corredor. O banheiro está desocupado. Tomás vai até a janela. Primeiro andar. Um pequeno pulo, e o menino está do lado de fora, correndo para longe do edifício EtherPol. Quando chega à esquina, olha para trás e vê ao longe o Rezende, falando ao celular enquanto olha para ele da janela do banheiro. Um frio sobe por sua coluna. "Preciso fazer algo pelo Tim!" Tomás entra no primeiro táxi que encontra e diz:

— Para o aeroporto, depressa!

Ao chegar ao aeroporto de Brasília, Tomás liga para sua mãe de um telefone público. Não queria usar seu celular. São 5:30 da manhã, 3:30 em Washington. Miriam deve estar em casa.

— Hello.

— Mãe, é Tomás.

— Oh God! Ainda bem que você ligou — diz Miriam, com seu sotaque americano. — Estou tentando falar com seu pai desde que soube do ataque ao Papa. Helena não tem informação e na EtherPol eles não me dão notícia. Como está o André?

— Mãe, não posso falar agora. Escuta com cuidado, que é muito importante. Me manda um PTA para Washington imediatamente. Pede para o Kyle me pegar no aeroporto. Não vai ao aeroporto de forma alguma. Você não sabe nada do meu paradeiro para ninguém, ok?

— Ok, mas me diz o que está havendo?

— Mãe, mãe, não posso agora. Faz o que pedi logo. I have to go. Bye.

Por ser filho de americana, Tomás tem nacionalidade desse país e passa pelo serviço de imigração mostrando apenas sua identidade. Kyle o espera do outro lado da porta.

— Hi, Kyle!

— Hey, kid. I hope everything is ok with you.

— Vamos sair logo daqui — diz Tommy, em inglês. Vamos para o Holiday Inn Bethesda, por favor. Alugue um quarto em seu nome, ok?

— It's your call, Dude!

Tom e Kyle se instalam no quarto do motel.

— Kyle, eu preciso de um grande favor seu. É uma questão de vida ou morte.

— De que se trata, Tommy?

— Eu não posso lhe dizer nada agora, mas preciso sua tarja para entrar na EtherSafe.

— O quê? Eu posso perder meu emprego!

— Olha Kyle, eu realmente preciso entrar lá. A vida de muitas pessoas está em jogo. Você precisa confiar em mim.

— Está bem, *kid*. Sei que estou fazendo uma loucura. Mas se é tão importante assim, aqui está. Meu código secreto é "Miriam".

Tomás nunca aceitara completamente a separação dos pais. Talvez por isso, alimentara certo desprezo pelo "boyfriend" de sua mãe, Kyle. Naquele momento, no entanto, Tommy não consegue evitar um sentimento de carinho por aquele homem que estava arriscando seu emprego por ele, e que usava o nome de sua mãe para seu código secreto...

— Muito obrigado, Kyle. Ah, só mais uma coisa: preciso de seu carro também...

— Eu te levo.

Apesar de ter apenas 14 anos, Tomás tem quase a mesma estatura de Kyle. Os dois trocam de roupas entre si e saem. Passam por uma loja Wal-Mart, onde Tomás compra um *tailleur* feminino e complementos, e uma maleta masculina, na qual guarda as compras.

O carro pára no estacionamento próximo ao prédio da EtherSafe às 11:30, horário local. Tomás passa tranqüilamente pelo controle de entrada, inserindo a tarja de Kyle e digitando o código. Por sorte, poucas pessoas trabalham no local; devem estar todos trabalhando em casa. Tommy observa que existem seis elevadores de cada lado do corredor e um 13.º ao fundo, mas ninguém se aproxima desse último. Ele entra no elevador mais próximo.

O rapaz vai para o trigésimo andar, onde trabalham Miriam e Kyle. Miriam não está em sua sala. O jovem passa por todos os andares, do trigésimo ao quadragésimo, subindo pelas escadas, à procura de alguma prova do envolvimento da empresa no atentado da noite passada. Em cada andar, ele precisa passar pelo aparelho de controle, inserindo a tarja e digitando o código. Procura sala por sala, tentando não levantar suspeitas. Nada encontra. O acesso é negado quando chega ao 41.º andar.

Tommy volta para o andar de baixo, quando houve o alto-falante do prédio:

"Atenção, pessoal não autorizado infiltrado no edifício. Homem magro, alto, jovem, usando a tarja do funcionário Kyle Stevenson. Pode ser perigoso. Qualquer suspeita, avise imediatamente nossa equipe de segurança."

"Droga, descobriram meu disfarce", pensa Tomás. O jovem entra rapidamente no primeiro banheiro que encontra, tranca a porta e abre a maleta com suas compras. Minutos depois, uma jovem funcionária sai do banheiro.

Com o novo disfarce, Tomás reinicia sua busca. Está diante do hall dos elevadores. Assim como no andar de baixo, e em todos os andares pelos quais passou, ninguém se aproxima do elevador mais isolado. Tommy decide investigá-lo. Não há nenhum botão de chamada, nem indicador de andar.

Um funcionário se aproxima. Com ares de galã latino, ele começa a falar.

— Dá para ver que você é novata aqui. Esse elevador é privativo dos chefões.

— Mesmo? E ele vai direto do estacionamento para o quadragésimo quinto? — pergunta Tomás, tentando imitar uma voz feminina.

— Não, *darling*, ele vai para o poço — diz ele. Olhando para a cara de surpresa de Tommy, o rapaz complementa: — Você sabe, a sala super-secreta do andar menos trinta. Puxa você é realmente novata. Essa é a primeira coisa que se aprende nos fuxicos de corredor. Hoje é seu primeiro dia?

Nesse momento, ouve-se novamente o alerta, no instante em que um dos outros elevadores se abre.

— Vou aproveitar esse elevador. Te vejo mais tarde!

Cinco minutos depois, uma mulher cruza a porta de saída do edifício. Tomás conseguira a pista que buscava!

Tomás entra no carro e Kyle leva-o de volta ao hotel, aonde chegam às 13 horas. Tomás despede-se de Kyle, senta-se na velha cama, tira o telefone do gancho e disca o número.

**— Espere — grita mentalmente Tommy. —
Você precisa me explicar. Como conseguiram
aquele ataque?"**

São 16 horas. Lá fora, uma neve fina começa a cair na fria tarde de fevereiro. O jovem deita-se na cama e inicia o desdobraimento. "Tim, não os deixarei impunes", diz. Vinte minutos depois, seu corpo flutua sobre o teto do pequeno hotel. Poucos são os etéreos que ainda passeiam pelas ruas de Bethesda. O universo etereal se tornara assustador.

Quando chega à distância de um quarteirão do edifício da EtherSafe, Tomás movimentava-se verticalmente, para baixo. Atravessa o nível das fundações dos prédios. Depois uma camada de terra de dez metros. Em seguida passa por um rio subterrâneo. Segundo seus cálculos, deve estar a aproximadamente vinte e cinco metros abaixo do nível da rua. O jovem interrompe seu movimento vertical e desloca-se, lentamente, na direção horizontal. Após algumas tentativas frustradas, localiza o grande vão vertical do elevador. Atravessa-o, ficando no centro de um imenso buraco. Desce nesse vão até chegar à base.

Tomás atravessa a porta do elevador e depara-se com uma sala de circular de dez metros de diâmetro. À esquerda, o semicírculo encontra-se coberto de equipamentos eletrônicos e telas de computadores. Do lado direito, cinco portas. A sala está vazia, mas iluminada.

O menino resolve explorar as portas. Atravessa a primeira delas. Está totalmente desocupada. Volta e atravessa a segunda porta. Outra sala circular. Leva um susto ao deparar-se com um ruivo imenso, pelo menos três vezes maior que aqueles que ele vira no Museu do Louvre. O ser movimentava-se desesperadamente de um

lado para o outro, mas está cercado por uma esfera de energia, que não o deixa sair.

“O campo de proteção energético!”, pensa Tomás, ao aproximar-se cuidadosamente da esfera. Diferentemente dos outros ruivos, esse parece estar tentando se comunicar com ele. O jovem se concentra. É muito difícil entender o que ele está tentando dizer por telepatia. Finalmente, consegue:

– Socorro! – diz o ser vermelho.

“Coitado, ele está desesperado,” sente Tomás, pela mensagem recebida. Logo, outra mensagem telepática. Tommy se concentra novamente.

– Cuidado!

– Tarde demais – ouviu Tomás, claramente.

O rapaz se vira e vê dez etéreos próximos à porta da sala. Subitamente, é envolto por uma esfera de energia que o aprisiona.

– Foi difícil encontrá-lo, menino, bem mais do que o seu amigo...

Tomás se lembra de Tim.

– Vocês o mataram! – diz, enraivecido.

– Vocês são dois bisbilhoteiros! Não deviam ter se metido com a EtherSafe! Agora é sua vez – diz um dos etéreos, movendo-se para sair da sala.

– Espere – grita mentalmente Tommy. – Você precisa me explicar. Como conseguiram aquele ataque na missa?

– Está bem – diz outro etéreo. Tomás imagina que esses sejam os dois homens que ouvira em Brasília. – Fomos nós mesmos, menino. Fica quieto e escuta. Estávamos fazendo pesquisas com campos energéticos antes mesmo da viagem astral se tornar universal. Prendemos vários desses seres vermelhos para servirem de cobaias. Quando reduzimos o raio da esfera protetora o campo vai ficando cada vez mais forte e destrói completamente qualquer corpo etéreo que estiver aprisionado nele.

– Você verá logo! – disse o primeiro etéreo.

– Verá mesmo – continuou o segundo. – Como muitos de nossas cobaias ruivas experimentaram na pele. Fizemos de tudo para nos comunicarmos com esses seres, mas não conseguimos. Até que, há dois meses atrás, acertamos na loteria: capturamos esse aí totalmente por acaso! Então descobrimos que ele é uma espécie de líder dos ruivos. Ele tem capacidade de comunicação mais avançada e conseguimos dialogar com ele. Fizemos um trato. Se ele quisesse viver, teria que convencer seus subordinados a executar o ataque...

– Mas por quê? O que vocês ganham com isso?

– Ora moleque, você está nos decepcionando! A empresa precisa de dinheiro, e logo! O Congresso não

estava querendo aprovar nosso plano de construção de campos protetores. Eles precisavam de um impulso. Nós demos um empurrão!

Quando os dois etéreos iniciam um riso mental de vitória, surge um segurança etéreo, gritando, telepaticamente.

– Chefe, estão passando esta cena na TV!

– Meu Deus, ele nos enganou! Destrua-o de uma vez por todas.

Nesse exato momento, uma bola de energia se forma em torno dos etéreos. Não se trata do campo energético da EtherSafe, mas do tradicional campo etéreo da EtherPol. De fora do campo, um policial etéreo lê os direitos dos presos:

– Vocês estão presos sob acusação de assassinato, formação de quadrilha...

A EtherPol levava duas horas para penetrar fisicamente no laboratório ultra-secreto que a EtherSafe havia construído a 60 metros abaixo do solo. Fora necessário uma hora adicional para liberar o etéreo de Tomás e localizar os corpos físicos de John Paltron e Hiroyoshi Yamaki, os diretores da empresa.

Tommy aguardara com tranquilidade. Sua missão estava cumprida. Ele conseguira falar com Eduardo à tarde. O pai de Tim lhe indicara um jornalista etéreo da CNN, que instalara o equipamento de ethercam em seu pequeno quarto, no hotel. A EtherPol também fora acionada pelo influente jornalista.

O esquema criminoso da EtherSafe fora desmantelado nos dias que se seguiram. O líder ruivo fora libertado, e a calma voltara ao universo etéreo. Os ruivos mantiveram a atitude de não se comunicar com os etéreos, e sua origem continua um mistério para a humanidade.

– Tomás Johansson Ribeiro – chama o alto-falante.

Tommy se levanta de sua cadeira, no auditório da EtherPol, e caminha envergonhado, sob os aplausos dos presentes. Recebe, das mãos do Diretor, a Medalha de Honra ao Mérito Etéreo. Controlando a emoção, foca seu olhar naquelas figuras que lhe inspiram confiança, sentadas no meio da multidão. André, seu pai; Miriam, sua mãe; e Kyle, seu amigo.

– Obrigado. Para você, Tim – diz Tomás, olhando para Eduardo, o pai de Timothy. Desta vez não consegue conter as lágrimas.

“Eu costumava ouvir música nos fones, enquanto escrevia – quase qualquer coisa que possa ser tocada ao fundo. Consegui uma fita dos cânticos dos Monges Gyuto. (Eles são a equipe SWAT espiritual do Dalai Lama...) Eu liguei, e depois de alguns minutos, parei de escrever. O propósito dos cânticos é elevá-lo a um estado espiritual mais alto, e por Deus, foi o que fizeram. Elevou-me a um estado espiritual mais alto, em que eu não precisava escrever... Escrever é um estado baixo e sujo.”

– Michael Swanwick

ISBNISMOS FINAIS

Isaac Asimov, que nunca foi muito fã de Hollywood, deve estar se arrancando as suíças no paraíso dos escritores de ficção científica com o que Will Smith fez com a sua clássica coletânea **Eu, Robô**, de 1950. De qualquer forma, o fã brasileiro deve agradecer ao filme — graças a ele, a Ediouro relança o livro (apenas anunciado e por enquanto sem ISBN).



Os apreciadores de história alternativa, um subgênero que tem entrado em evidência no Brasil, graças à atuação do nosso sócio Gerson Lodi-Ribeiro, talvez se interessem por **Combatentes e Traidores** (ISBN 85-88647-44-3), de W. E. B. Griffins, lançado pela Landscape. O enredo pressupõe a criação de uma força militar norte-americana comandada por um simpatizante do comunismo, durante a Segunda Guerra Mundial. O ex-fuzileiro Griffins é um autor conhecido da área da ficção militar.

Já se foi o tempo em que corríamos às livrarias, quando da notícia do lançamento de um novo livro de Ray Bradbury. Agora, um de seus últimos, **Uma Estranha Família: Lembranças de um Lugar do Passado** (ISBN 85-0001328-1), apareceu em 2002 pela Ediouro sem o menor alarde. O livro é uma novela para crianças, inspirada por uma ilustração de Charles Addams (o criador da família Addams), que a Ediouro fez o favor de não reproduzir.

Também sem a atenção que merece foi republicado em 2003 o clássico de Bradbury, **Fahrenheit 451** (ISBN 85-250-3724-9), com um ensaio do autor em referência ao aniversário de 50 anos do romance. Trazendo também uma introdução do crítico Manuel da Costa Pinto, este é um livro de grande importância para os nossos tempos, que a Editora Globo traz de volta às livrarias.

O começo do século XXI traz ao Brasil o seu primeiro boom de livros de fantasia — cortesia de *O Senhor dos Anéis* e da série *Harry Potter*. Até os brasileiros foram beneficiados, entre eles Michelle Klautau, com **Crepúsculo da Fé** (ISBN 85-7532-007-

6), e Helena Gomes, com **O Arqueiro e a Feiticeira** (ISBN 85-7532-035-1), volume um da série *A Caverna dos Cristais*. Os dois livros saíram pela Devir.

Outro brasileiro que se beneficiou do boom foi Luiz Roberto Mee, com a sua aventura tolkeniana **O Prisioneiro da Sombra** (ISBN 85-01-06652-4), lançado em 2003 pela Editora Record, com mapas e tudo. Mee já havia militado na área, com duas novelas juvenis de fantasia publicadas pela Editora 34 ainda no século XX. São elas *Viagem à Trevaterra* (1994) e *Crônica da Grande Guerra* (1995).

Um outro fator do boom da fantasia é o preenchimento de algumas lacunas editoriais. A série *O Único e Eterno Rei*, por exemplo, só estava disponível em uma edição portuguesa. Escritos por T. H. White entre 1938 e 1958, os cinco livros (com um publicado postumamente) desta fantasia arturiana ajudaram a tornar esse subgênero da fantasia uma das variantes mais populares do século XX. Os dois primeiros livros foram lançados em um curto intervalo: **A Espada na Pedra** (ISBN 85-89785-02-5) e **A Rainha do Ar e das Sombras** (ISBN 85-89785-05-X). E a espera valeu, pois a edição da W11 Editora vem ricamente ilustrada por ninguém menos que Alan Lee, o desenhista de produção da trilogia *O Senhor dos Anéis* no cinema — ele até ganhou um Oscar pelo seu trabalho!

Outra série arturiana de grande sucesso foi *As Crônicas de Artur*, do Inglês Bernard Cornwell. Os livros saíram em edições luxuosas pela Record: **O Rei do Inverno** (ISBN 85-01-06114-X), **O Inimigo de Deus** (ISBN 85-01-06118-2) e **Excalibur** (ISBN 85-01-06115-8), todos lançados em 2004. As traduções são de Ivanir Alves Calado, um dos nossos bons escritores de FC, ultimamente mais devotado ao campo infanto-juvenil.

Aparentemente a trilogia de Cornwell fez tanto sucesso, que a Record já lançou outra pelo mesmo autor, *A Busca do Graal*.

Nossa última dica é **Histórias Fantásticas** (ISBN 85-08-08567-2), volume 21 da coleção *Para Gostar de Ler*, da Editora Ática. Apesar de dirigida ao público jovem, esta antologia de contos fantásticos pode ser lida sem problemas, por nós empedernidos. Quem organizou foi o prestigiado intelectual José Paulo Paes, e o livro, com histórias de Poe, Maupassant, Lima Barreto, Charles Dickens, Kafka, Murilo Rubião, Modesto Carone, Moacyr Scliar e outros, está na quinta edição.

